



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO**

**LUNA ESTÉFANY SILVA SANTOS**

**ENSINO, AUTOFORMAÇÃO E MESTIÇAGEM**

**VITÓRIA DA CONQUISTA-BA**

**2019**

LUNA ESTÉFANY SILVA SANTOS

## **ENSINO, AUTOFORMAÇÃO E MESTIÇAGEM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino, na área de concentração de Ensino na Educação Básica.

Orientador: Prof. Dr. Renato Pereira de Figueiredo

**VITÓRIA DA CONQUISTA-BA**  
**2019**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO

**Ensino, Autoformação e Mestiçagem**

**Autora: Luna Estéfany Silva Santos**

**Data de aprovação: 25 de abril de 2019**

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino.

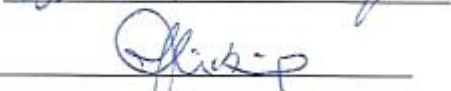
Área de concentração: Ensino na Educação básica

**COMISSÃO JULGADORA:**

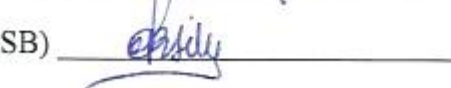
Prof. Dr. Renato Pereira de Figueiredo – Orientador



Profª. Dra. Josineide Silveira de Oliveira (UERN)



Profª. Dra. Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão (UESB)



S236e

Santos, Luna Estéfany Silva.

Ensino, autoformação e mestiçagem. / Luna Estéfany Silva Santos,  
2019.

88f. il.

Orientador (a): Dr. Renato Pereira de Figueiredo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,  
Programa de Pós Graduação em Ensino – PPGEn, Vitória da Conquista, 2019.

Inclui referência F. 87 - 88.

1. Ensino das ciências. 2. Pensamento complexo. 3. Desassossego-Gratidão-  
Cooperação. I. Figueiredo, Renato Pereira de. II. Universidade Estadual do  
Sudoeste da Bahia, Mestrado Acadêmico em Ensino- PPGEn.

CDD 507

*Catálogo na fonte: **Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890***

À minha mãe, Chirlene, que é a maior incentivadora de todos os meus sonhos  
e a quem eu amo imensuravelmente.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos docentes que me ensinaram durante o Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e apresentaram a importância da pesquisa para a formação do professor, em especial as professoras: Maria Elizabete Souza Couto que me orientou durante a graduação e quem tanto me ensinou durante este percurso e Viviane Briccia do Nascimento que me encantou com a proposta da Alfabetização Científica e me incentivou indiretamente a sair da minha zona de conforto e pesquisar sobre esta temática.

A todos os envolvidos neste período no qual estive morando em Vitória da Conquista para a concretização deste meu sonho.

As agências de fomento UESB e CAPES que disponibilizaram as bolsas de Mestrado durante os dois anos do curso.

Aos docentes do Programa de Mestrado Acadêmico em Ensino e aos funcionários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) principalmente Géssica, Juliana, Adriano e Saló.

As professoras participantes das bancas de qualificação e defesa: Tânia Gusmão, carinhosa e atenciosa ao se deparar com as características da minha pesquisa e Josineide de Oliveira que se desloca do seu estado para vim participar dos momentos solicitados por nós na cidade de Vitória da Conquista, que me acolheu em seu lar em Natal, que é uma sábia ao utilizar as palavras mesmo nas conversas informais e que me apresentou autores que me encantaram profundamente.

A minha família do Grupo de Estudo e Pesquisa em Ensino e Conhecimento Científico (GEPECC): Beatriz, Clarissa, Daiana, Guacyra, Laila, Lucineide, Márcia, Nadja, Pyerre e Renato. Obrigada por me acolherem e me ensinarem tanto. Hoje reconheço tamanha importância em participar de um grupo de estudo semanal que incentive discussões coletivas entre os membros.

Ao professor Renato de Figueiredo, meu orientador, que me escolheu diante de vários participantes durante a seleção. Obrigada por me chamar de corajosa e assim me encorajar mais ainda. Você me ensinou a pesquisar de uma forma que eu não imaginava anteriormente ao Mestrado e me apresentou o pensamento complexo de Edgar Morin que me encanta cada vez mais. Esta dissertação é nossa. Grata por ser meu mestre.

A Márcia Menezes, a nossa mentora do GEPECC que tanto se esforça para nos auxiliar no percurso da formação. A mulher que entende nossos olhares, desejos e não pensa duas vezes quando solicitamos por ajuda. Uma mãezona para todos os que tem o prazer de conviver juntamente com ela.

Aos colegas Guacyra e Pyerre que me inspiraram desde o primeiro encontro. Vocês são luz em minha vida. Obrigada por me ensinarem tanto e por acreditarem em mim. Tenho imensa felicidade em poder ter encontrado vocês neste percurso do Mestrado o qual eu temia tanto e se tornou muito mais fácil e prazeroso ao me deparar com vocês.

A Daiana e Lucineide que ao ensinar, aprendi tanto. Vocês que eu tenho o privilégio de acompanhar os avanços das pesquisas desde o início. Gratidão em poder compartilhar saberes com vocês. Acredito que temos muito a aprender em conjunto.

Agradeço aos colegas da turma do Mestrado 2017.1, em especial minha amiga Winne que foi um dos melhores encontros da minha vida. Desde a entrevista do processo seletivo do Mestrado até a fase final da escrita da dissertação, nos fortalecemos e vivenciamos momentos singulares.

Aos meus colegas da turma de Pedagogia da UESC 2013.1 que tanto me incentivaram durante a formação inicial. Dentre eles, destaco: Adalmir, Ivoneide, Jéssica, Mayana e Mônica que são os amigos que a graduação me proporcionou.

Aos meus amigos do grupo G-11 que desde a Educação Básica acompanham o meu percurso de vida, me apoiam no decorrer dos anos, acreditam em mim e me incentivam a conquistar os meus sonhos.

A minha amiga Natália que é animadora de todos os meus pequenos desejos que se transformam em sonhos. Obrigada por me impulsionar quando nem eu acreditava em mim.

Aos meus amigos Acsa e Shauan que tem uma forte sintonia comigo e que sempre falam o que eu preciso ouvir no momento certo. Que a nossa amizade continue assim tão forte.

A Emanuelle e Júlia que mesmo distante de mim nos últimos anos, nunca esqueceram da importância das nossas amizades.

Minha família MALURA que em Vitória da Conquista foram meus alicerces. Desde a infância, Mariana e Raul estão comigo nos momentos mais importantes da minha vida. E, durante esses dois anos que me mudei para pesquisar e escrever

minha dissertação, me incentivaram nos estudos e foram pacientes em todos os momentos. Eles são os meus irmãos de alma que eu escolhi para compartilhar a vida.

Aos meus parentes das famílias Correia e Miranda que somam mais de sete dezenas de pessoas que me entusiasmam a seguir os meus objetivos e comemoram a cada realização de sonho. Em especial, minha avó Nair, meus avôs Aderbaldo e Passinho, meus padrinhos Valéria e Edivaldo e minha tia-avó Nide.

Ao amor da minha vida, Gabriel, que foi compreensível em manter um relacionamento com 240km de distância entre nós. Ele que me ama intensamente, que sente orgulho em todos os passos que dou e que me incentiva a caminhar mais longe ainda. Que todos os nossos sonhos se concretizem e que possamos continuar vivendo juntos mesmo quando distantes.

A minha irmã, Luana, que é uma das pessoas que mais acredita no meu crescimento, que me estimula a me movimentar. Aquela que está sempre comigo e a quem eu tento ser exemplo na maior parte das ações. Ela é a base da minha vida. Ao agradecer a ela, penso em Melka (in memoriam), nossa pet que conviveu conosco quase dez anos e que chegou para complementar a nossa família. Não posso deixar de agradecê-la por mudar as nossas vidas para melhor ao nos apresentar um dos amores mais puros que podemos sentir.

Por fim, agradeço aos meus pais, Claudio e Chirlene, que são as pessoas mais importantes da minha vida. Sem vocês eu não seria quem sou. Vocês são as pessoas mais comunicativas, animadas e joviais que conheço. Obrigada por me incentivarem a realizar todos os meus sonhos, me influenciarem a ser uma pessoa melhor, me empolgarem a viver a minha vida de forma cuidadosa e preventiva, mas nunca de modo acomodado. A mulher que sou é consequência de todo o amor que vocês me doam. Gratidão meus pais.



## LISTA DE IMAGENS

|   |    |
|---|----|
| <b>Imagem 1:</b> Henrique durante a realização da atividade de experimentação ..... | 21 |
| <b>Imagem 2:</b> Desenho elaborado pelo Henrique .....                              | 25 |

## RESUMO

A presente dissertação apresenta uma pesquisa realizada a partir da minha inquietação sobre a abordagem do ensino presente nos livros didáticos de Ciências na Educação Básica. Estes recursos apresentam, muitas vezes, a predominância da fixação dos conceitos científicos em relação a outras formas de ensino e aprendizagem. Compreendo a importância da memorização, porém diante da complexidade do mundo e dos acontecimentos do século XXI, esta não pode ser a única alternativa utilizada. Em vista disto, apresento uma outra perspectiva do ensino científico e sugiro a possibilidade deste ensino abranger também outros aspectos que nos constituem enquanto seres humanos que são: *desassossego*, *gratidão* e *cooperação*. Estes são três vetores que se inter-relacionam e que, na minha concepção, podem ser aproximados do processo de memorização para que haja o desenvolvimento de um ensino que permita a fluidez das ideias, a compreensão dos conceitos científicos e do mundo no qual estamos imersos. Como estratégia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, utilizei a escrita de cartas pedagógicas que são endereçadas a três distintos destinatários e escolhi diferentes teóricos para me auxiliar na discussão destas temáticas. A primeira carta que discute o *desassossego* é destinada aos professores e tem o poeta Fernando Pessoa como principal interlocutor. A segunda carta versa sobre *gratidão*, tem meus pais como destinatários e a filosofia de André Comte-Sponville como inspiração. Por fim, a terceira carta aborda a *cooperação*, é endereçada aos discentes e dialoga com as ideias sugeridas pelo neurobiólogo Humberto Maturana. A escrita destas cartas e a imersão nas obras que me aproximei para construir o presente texto, possibilitaram a minha autoformação e estimulou a minha mestiçagem, no sentido indicado por Michel Serres.

**Palavras-chave:** Ensino das Ciências; Pensamento Complexo; Desassossego; Gratidão; Cooperação.

## **ABSTRACT**

The present dissertation presents a research carried out from my concern about the teaching approach present in the textbooks of Sciences in Basic Education. These resources often present a predominance of scientific concepts in relation to other forms of teaching and learning. I understand the importance of memorization, but in the face of the complexity of the world and the events of the 21st century, this can not be the only alternative to used. In view of this, I present another perspective of scientific teaching and suggest the possibility of this teaching to include other aspects that constitute us as human beings: unrest, gratitude and cooperation. These are three vectors that are interrelated and which, in my conception, can be approximated to the process of memorization for the development of a teaching that allows the flow of ideas, the understanding of scientific concepts and the world in which we are immersed. As a strategy used for the development of the research, I used the writing of pedagogical letters that are addressed to three different recipients and I chose different theorists to help me in the discussion of these topics. The first letter that discusses the restlessness is destined to the professors and has the poet Fernando Pessoa as main interlocutor. The second letter deals with gratitude, has my parents as recipients and the philosophy of André Comte-Sponville as inspiration. Finally, the third letter addresses the cooperation, is addressed to the students and dialogues with the ideas suggested by the neurobiologist Humberto Maturana. The writing of these letters and the immersion in the works that I approached to construct the present text, made possible my self-formation and stimulated my miscegenation, in the sense indicated by Michel Serres.

**Keywords:** Science Teaching; Complex Thought; Unrest; Gratitude; Cooperation.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>UM CONVITE À MISTIÇAGEM .....</b>         | <b>12</b> |
| <b>DESASSOSSEGO DO ESPÍRITO HUMANO .....</b> | <b>16</b> |
| <b>GRATIDÃO COMO VIRTUDE .....</b>           | <b>40</b> |
| <b>SOBRE A CIÊNCIA DA COOPERAÇÃO .....</b>   | <b>65</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>      | <b>87</b> |

## UM CONVITE À MESTIÇAGEM

Entusiasticamente, posso afirmar que a minha inserção no Mestrado Acadêmico em Ensino e no Grupo de Estudo e Pesquisa em Ensino e Conhecimento Científico (GEPECC) me impulsionaram a construir conhecimentos e esta dissertação que tem o desenvolvimento de pesquisa completamente diferente do que eu conhecia anteriormente. A perspectiva sugerida pelo pensamento complexo do filósofo francês Edgar Morin enriqueceu a minha vida como pesquisadora, professora e ser humana. Posso dizer que hoje sou outra mulher a partir dos caminhos indicados pelo meu orientador que possibilitaram minha autoformação.

Não foram percursos simples e nem fáceis de serem trilhados, me aproximei dos pensamentos de autores com diferentes campos do conhecimento: filósofos, neurobiólogos, poetas, físicos e médicos. Por outro lado, a partir da imersão em outras áreas, pude compreender a importância de me deslocar da zona de conforto. Afinal, como pedagoga e professora dos anos iniciais, me restringia a ler obras voltadas especificamente para a área do ensino da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Atualmente, percebo a importância de alargar os meus sentidos para outras perspectivas e olhares sobre a educação, o ensino e a vida humana na Terra. Para isto, foi preciso que eu ultrapassasse as fronteiras que me prendiam na minha área de formação para conhecer e percorrer por outros ambientes dos saberes.

Diante destas percepções, amadureci de forma significativa e intensa a inquietação que me estimulou a pesquisar sobre o ensino das Ciências. Ao compreender que é inegável a importância da ciência<sup>1</sup> na vida humana uma vez que os desenvolvimentos científicos auxiliam na nossa compreensão do mundo, nas transformações das áreas tecnológicas que influenciam diretamente nos aspectos social, cultural, político e econômico, na abordagem dos problemas cotidianos e nas tentativas de resoluções dos mesmos. Penso que no âmbito escolar simplificamos,

---

<sup>1</sup> Acredito ser necessário esclarecer sobre a alternância da utilização dos termos ciência (com c minúsculo e no singular) e Ciências (com C maiúsculo e no plural). A ciência aqui é vista como o conjunto geral de conhecimentos dos fenômenos existentes no mundo. A partir do uso destes conhecimentos, existem as Ciências Naturais que são as disciplinas que fazem parte da Educação Básica. Durante os anos iniciais até o oitavo ano do Ensino Fundamental, a disciplina é intitulada de Ciências. A partir do nono ano do Ensino Fundamental até o nível superior de ensino é subdividido em: Química, Física e Biologia.

frequentemente, esta relevância dos desenvolvimentos desencadeados no mundo e resultantes dos avanços científicos.

Percebo que a abordagem do ensino das Ciências presente nos livros didáticos é baseada, muitas vezes, na predominância da fixação dos conceitos científicos em relação a outras formas de ensino e aprendizagem. Compreendo a importância da memorização, porém esta não pode ser o único recurso utilizado para abordar a complexidade do mundo diante dos acontecimentos do século XXI.

A partir deste contexto, realizei esta dissertação com o pensamento de possibilitar a interação das nossas ideias a partir da minha proposta sobre uma outra perspectiva do ensino científico. Na minha percepção, para que os discentes sejam provocados a construir conhecimentos, o ensino das Ciências pode abranger também outros aspectos que nos constituem enquanto seres humanos. São eles: *desassossego*, *gratidão* e *cooperação*, três vetores que se inter-relacionam no contexto educacional e que, na minha concepção, podem ser aproximados do processo de memorização para que haja o desenvolvimento de um ensino que permita a fluidez das ideias, a compreensão dos conceitos científicos e do mundo no qual estamos imersos.

Uma das coisas que acalma o nosso desassossego é quando compartilhamos as nossas inquietações, quando encontramos outras pessoas que nos proporcionam o conhecimento do novo, a aproximação entre os diferentes saberes, quando nos permitimos ser mestiços instruídos no sentido sugerido pelo filósofo francês Michel Serres na obra 'Filosofia Mestiça' (1993). A partir dessas interações, precisamos reconhecer as figuras importantes neste processo de mestiçagem e sermos gratos com os mesmos. Além disto, na área do ensino, podemos utilizar da mestiçagem para incentivar a cooperação entre os indivíduos e os campos dos saberes. A abordagem da mestiçagem utilizada pelo filósofo é transversal nesta pesquisa ao auxiliar às discussões dos três vetores elencados.

A inspiração para discutir sobre o desassossego surgiu quando percebi a semelhança do meu sentimento com a inquietação do Bernardo Soares presente na obra do poeta português Fernando Pessoa intitulada 'Livro do Desassossego' (2006). Elenco a discussão dos espíritos desassossegados que precisamos alimentar para realizarmos deslocamentos, nos movimentarmos. Como professores, necessitamos ser inquietos e ágeis para enfrentar as situações do cotidiano escolar, para sairmos

da lamúria e irmos em busca de alternativas que alterem os contextos que não nos convém na área do ensino.

Indico que a interação com o diferente precisa desenvolver o sentimento de gratidão que é uma das maiores virtudes humanas como preconizada pelo filósofo francês André Comte-Sponville (1999). A gratidão é essencial para vivermos bem uns com os outros a partir da demonstração do reconhecimento que temos. É preciso fortalecer este sentimento, afinal, pais e filhos, mestres e discípulos, devem desenvolver esta virtude para que as interações humanas sejam solidificadas ao contrário da fragilidade e liquidez na qual se encontram as relações atuais como alerta Zygmunt Bauman (2004).

Por fim, destaco a cooperação, a partir das ideias do neurobiólogo chileno Humberto Maturana (1998, 2001), como o sentimento que pode proporcionar um mundo melhor<sup>2</sup> a partir da contribuição, auxílio e colaboração entre os indivíduos. A cooperação pode proporcionar o encontro e a permuta com o diferente, possibilitar a aproximação de outros saberes, permitir a afinidade entre os universos e amenizar as inúmeras consequências resultantes das fragmentações.

Para construir esta pesquisa e abordar a importância dos valores *desassossego, gratidão e cooperação* no ensino dos conhecimentos na Educação Básica, adotei a estratégia epistolar. Com a percepção da possível complementaridade das pesquisas acadêmicas na área educacional, ocasionada pelo aspecto do inacabamento, escolhi o gênero textual de cartas para oportunizar o processo de comunicação uma vez que esta tem a característica marcante das presenças de remetente (emissor) e destinatário (receptor), possibilita o diálogo com indagações e (in) conclusões e permite manter o trabalho em aberto. Logo, esta estratégia de método propicia que o destinatário dialogue com o autor, permite que o trabalho seja complementado. Uma vez que a intenção das cartas é enternecer o leitor e possibilitar a permutação, esta estratégia admite o compartilhamento das ideias.

---

<sup>2</sup> Ressalto que esta abordagem do mundo melhor foi despertada a partir da leitura da entrevista cedida por Edgar Morin ao jornal Zero Hora em 2011. O autor afirmou que “podemos não chegar ao melhor dos mundos, mas a um mundo melhor”. Portanto, a concepção de mundo melhor é diferente da percepção do melhor dos mundos. O primeiro preconiza alterações e melhorias para o mundo que, na maioria das vezes, demanda da cooperação dos indivíduos para que ocorra. O melhor dos mundos incita competitividade. Para ser o melhor, necessita que outros sejam inferiores, demanda hierarquização enquanto o outro visa o bem-estar geral.

Talvez tenha sido Paulo Freire o autor que me influenciou a escrever cartas. Com seu caráter crítico e reflexivo, o educador utilizou diversas vezes esta estratégia. Me inspirei nos livros 'Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo' (1978) e 'Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos' (2016). Esta possibilidade de haver a troca de ideias a partir da elaboração de cartas é explicitada pelo educador quando indica: "no fundo, ler profundamente uma carta é reescrevê-la" (FREIRE, 1978, p. 148).

Logo, não sugiro nas minhas ideias o ecletismo ou a harmonia entre os autores. Longe disso, ocasiono aqui a possibilidade de reorganização. Escrevo com a intenção de motivar os leitores a responderem as minhas cartas e se manifestarem com relação à presente proposta. A primeira carta que discute o *desassossego* é destinada aos professores e tem o poeta Fernando Pessoa como principal interlocutor. A segunda carta versa sobre *gratidão*, tem meus pais como destinatários e a filosofia de André Comte-Sponville como inspiração. Por fim, a terceira carta aborda a *cooperação*, é endereçada aos discentes e dialoga com as ideias sugeridas pelo neurobiólogo Humberto Maturana.

A escrita destas cartas e a minha imersão nas obras que me aproximei para construir o presente texto, possibilitaram a minha autoformação que é de suma importância na minha experiência como professora e pesquisadora. Além disso, estimulou a minha mestiçagem, no sentido indicado por Michel Serres, consequente ao meu deslumbrar de novos horizontes teórico-epistemológicos.

Em vista disso, desejo profundamente que o leitor se permita mestiçar com os meus pensamentos para que possamos, porventura, desenvolver um mundo melhor.



## DESASSOSSEGO DO ESPÍRITO HUMANO

Tudo em mim é a tendência para ser a seguir outra coisa  
Uma impaciência da alma consigo mesma  
Como com uma criança inoportuna  
Um desassossego sempre crescente e sempre igual  
Tudo me interessa e nada me prende  
Atento a tudo sonhando sempre.

Fernando Pessoa

## Prezados colegas,

Inquieta, preocupada, aflita e agitada são sinônimos que representam o meu desassossego diante das vivências na área educacional. Talvez estes adjetivos apresentem um aspecto cético para vocês. Mas, ao contrário, eles refletem o meu estímulo a propor alternativas para as circunstâncias que me incomodam no ensino da Educação Básica. Este desassossego é o que me conduz a refletir e agir. Busco ser cada vez mais inquieta e me mover com otimismo e esperança apesar das adversidades encontradas no caminho.

Me desestabilizo uma vez que preciso me deslocar para produzir e criar, para ser inconstante e incentivar meus alunos a agirem curiosa e entusiasticamente. Se eu me manter inerte, nada será alterado. Desta forma, preciso sair do meu equilíbrio para propor alterações no contexto do ensino e da aprendizagem.

Posso indicar para vocês que me sinto como o Bernardo Soares, heterônimo do filósofo, dramaturgo e crítico literário português, Fernando Pessoa, na obra 'Livro do Desassossego' (2006). Soares era um ajudante de guarda-livros, terminologia utilizada para o profissional da área contábil na época da publicação da obra, na cidade de Lisboa. Um homem de pouca personalidade, sem humor e condenado a rotina que nos textos versa profundamente sobre sonhos, porém apresenta um aspecto intenso de tédio, descrença e perturbações existenciais. Um sonhador constante que escreve prosas que apresentam confissões da realidade desordenada na qual vive juntamente com um forte aspecto de sensibilidade e imaginação.

Este livro foi publicado pela primeira vez em 1982, quase 50 anos após a morte de Fernando Pessoa. É resultante de uma junção de textos avulsos assinados pelo autor como Bernardo Soares que foram encontrados no espólio, herança cedida do autor, que abarcava fragmentos incompletos e textos que apresentavam suas reflexões particulares e angustiantes. Em suma, o livro é composto por diversos trechos e não possui narrativa linear. Por outro lado, esta desestabilidade dos trechos reflete, de forma encantadora, o espírito do personagem Bernardo Soares, como podemos perceber na seguinte passagem da obra:

Mas em que pensava eu antes de me perder a ver? Não sei. Vontade? Esforço? Vida? Com um grande avanço de luz sente-se que o céu é já quase todo azul. Mas não há sossego – ah, nem o haverá nunca! – no fundo do meu coração, poço velho ao fim da quinta vendida, memória de infância fechada a pó no sótão da casa alheia. Não há sossego – e, ai de mim!, nem sequer há desejo de o ter... (PESSOA, 2006, p.73).

Bem como Bernardo Soares, o ajudante de guarda-livros, me posiciono como uma pedagoga desassossegada. Em vista disto, para dialogar sobre o meu espírito inquieto, que eu acredito ser análogo aos seus, abordarei a circunstância que me desconfortou como professora, desencadeando movimentos, afastamentos da estabilidade e me impulsionou a realizar esta pesquisa.

Em uma experiência de estágio com uma turma de 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos períodos de observação e coparticipação, percebi que havia priorização das disciplinas Português e Matemática. As aulas de Ciências, quando ocorriam, eram constituídas basicamente da memorização dos conceitos científicos. Para tal, era solicitada a transcrição dos conceitos presentes no livro didático ou na lousa (também chamada de quadro-negro) para que estes conceitos, tais como: “os cinco sentidos do corpo humano são visão, olfato, paladar, audição e tato”, fossem repetidos e decorados sem reflexão.

Outrossim, o livro didático utilizado era constituído de atividades compostas por questões objetivas com alternativas conceituais (múltipla escolha) que não demandavam reflexões dos alunos para escreverem sobre os assuntos. O discente memorizava a definição durante a leitura do conteúdo presente no recurso didático e depois encontrava a descrição *ipsis litteris* em uma das alternativas da atividade.

Para evitar qualquer mal-entendido, quero que fique claro para vocês que não estou aqui expressando uma defesa da extinção do uso dos livros didáticos na Educação Básica. Pelo contrário, acredito na importância deste recurso para o ensino e aprendizagem. Eles fazem falta quando não estão disponíveis. Porém, utilizar apenas do livro didático é insuficiente e, muitas vezes, o material presente no mesmo não condiz com a realidade dos alunos ou com a proposta de ensino a qual o docente corrobora.

Por outro lado, o livro didático disponível para a turma apresentava a memorização como única forma de conhecimento. Isto que me inquietou e me movimentou a buscar em outros recursos didáticos se existiam diferentes estratégias para abordar a temática dos cinco sentidos do corpo humano. Porém, me deparei com semelhantes abordagens do conteúdo, ambas se detinham com a sugestão a fixação dos conceitos científicos. Não sou contra a memorização, mas me desconforta perceber que em muitos livros didáticos esta é a estratégia de ensino que predomina.

É evidente que a memorização é uma etapa fundamental para o aprendizado dos conceitos científicos<sup>3</sup>, reconheço tamanha relevância. Entretanto, a contextualização destes conceitos não é assegurada apenas com a fixação das suas concepções, relacionar estes aprendizados com as situações cotidianas é primordial. Para que isso ocorra, existem outras experiências que podem fazer parte desse aprendizado, ser aproximadas do uso da memorização. Precisamos nos desassossegurar e utilizar estas outras experiências para o ensino da Ciências.

Bem como a discussão do livro didático, o meu posicionamento também não é contra a fixação dos conceitos científicos. Acredito na possível complementaridade e abrangência da aprendizagem das definições a partir da aproximação de atividades sensitivas e experimentais, por exemplo. Pensar no aspecto sensível e emocional pode ser uma alternativa para proporcionar conhecimentos condizentes com a realidade dos alunos.

Diante destas circunstâncias elencadas, retorno a discussão do contexto do meu estágio. Em julho de 2016, na regência da turma, cogitei e elaborei outra proposta de atividades de Ciências constituídas entre outras coisas por quadros, tabelas, leitura e escritas de textos. Dentre as propostas didáticas, destaco uma atividade de experimentação que denominei 'Estimulando os sentidos: olfato e paladar'.

O livro didático disponível para a turma abrangia o conteúdo com a apresentação das imagens referentes aos órgãos responsáveis por cada um dos sentidos e a enfática definição: "os cinco sentidos do corpo humano são visão, olfato, paladar, audição e tato".

A partir desta realidade escolhi, ao invés de utilizar o recurso didático, elaborar uma atividade para apresentar aos discentes da turma dois dos sentidos do corpo humano: o olfato e o paladar. Os outros três sentidos seriam abordados nas atividades posteriores. O livro didático de Ciências era dividido em unidades nas quais os sentidos também estavam fragmentados nestas. Inicialmente, tratava-se da visão, depois o olfato e o paladar, posteriormente a audição e por fim, o tato. Destaquei o olfato e o paladar pela possibilidade de problematizar a interdependência existente

---

<sup>3</sup> Michel Serres no livro 'Filosofia Mestiça' (1993) sugere a imitação como importante aspecto do aprendizado ao indicar que os jovens são 'papagaios' que precisam imitar os educadores. Na fase da instrução, o aprendiz repete o seu mestre para desenvolver conhecimentos. Penso então que no contexto do ensino da Educação Básica, a memorização pode ser esta fase na qual os discentes precisam ser 'papagaios' para aprenderem os conceitos científicos presentes no livro didático e enfatizados pelo docente como importante fase do ensino e aprendizagem.

entre os mesmos. Pensei na importância de os alunos perceberem esta complementaridade dos dois sentidos a partir da proposta de experimentação.

A realização da atividade ocorreu em uma turma composta por dezoito discentes e demandava a divisão em cinco grupos. Chamaram minha atenção três participantes de um grupo: Henrique, Beatriz e Lucas. Esse grupo era formado por alunos de oito anos que pouco interagiam em sala de aula. Beatriz sentava-se próxima à lousa e do professor, participava com disposições e questionamentos nas aulas expositivas. Lucas, um menino tranquilo e calado, optava por estudar sozinho. E o Henrique, menino travesso e esperto que não permanecia meia hora sentado, mesmo quando o professor ameaçava recusar os seus minutos de intervalo. Esse grupo heterogêneo me fez refletir sobre o olhar daqueles alunos com relação à atividade.

Passo então a descrever a experiência daquela ocasião tão singela a partir de alguns momentos vividos na realização da atividade, juntamente com o que imagino que poderia ouvir dos alunos. Nessa experiência parcialmente imagética, me coloco no lugar dos alunos e deste lugar dou voz ao Henrique<sup>4</sup> que narra aquele momento.

*Quando entrei na sala vi que estava tudo diferente, as cadeiras em lugares separados em grupos como eu nunca tinha visto. Não falei nada e me sentei em uma cadeira.*

*A professora pede para a Beatriz e o Lucas sentarem ao meu lado porque nós éramos um grupo. Até que gostei dos colegas comigo porque eles são bem inteligentes. Então, tudo bem.*

*Mas, foi aí que a professora falou para cada grupo escolher um colega para ser vendado os olhos. E é claro que o escolhido do meu grupo foi eu. Perguntei:  
- Professora, pra que eles vão tapar meus olhos?*

No início da realização da atividade, solicitei que os alunos selecionassem um dos colegas de cada grupo para obscurecer os olhos com uma fita de pano (**Imagem 1**). Depois, expliquei que seria uma atividade e que eles deveriam seguir as orientações.

*Deixei o Lucas vendar meus olhos...*

---

<sup>4</sup> Destacarei a descrição do Henrique sobre a experiência com o recurso itálico do texto.

**Imagem 1:** Henrique durante a realização da atividade de experimentação.



**Fonte:** própria autora (2016).

*Ouvi a professora dizendo que estava entregando uma folha para cada grupo com questões sobre a atividade.*

*A Beatriz perguntou para a professora:*

*- Nessa primeira questão você pergunta se nós achamos que para sentir o sabor dos alimentos é necessário sentir o cheiro deles. Como assim, professora? Claro que eu posso sentir o sabor sem sentir o cheiro! Se eu como com a boca e não o nariz.*

*Para que Beatriz foi perguntar isso?!*

Durante a realização da atividade de experimentação, à medida que os alunos questionavam, procurei esclarecer as dúvidas e explicar a atividade. Após a leitura do questionamento presente na folha, solicitei que os grupos assinalassem a resposta e escrevessem o porquê daquela escolha.

*Perguntei a professora como eu ia escrever se estava com os olhos vendados? Não dava pra escrever nada.*

*Fiquei tão feliz quando escutei a professora dizer que quem estivesse com os olhos vendados não precisava escrever nada. Que era apenas pra seguir os colegas do grupo. Eu nunca tinha visto uma aula de Ciências sem escrever um monte de folhas do caderno!*

Como parte da atividade planejada, após o preenchimento da ficha, entreguei aos alunos os recipientes com os alimentos. Os alunos que estavam com os olhos cobertos não poderiam ver ou saber quais eram estes alimentos.

*Puxa, agora que vai ser bacana! Ouvi a professora dizer que vai ter comida durante a atividade.*

*Deu pra sentir quando ela estava chegando perto de mim e disse para deixar o meu colega tapar meu nariz e colocar um pedaço de comida na minha boca.*

*Fiquei completamente desengonçado com a situação. Até que deixei o Lucas tapar o meu nariz e colocar alguma coisa na minha boca.*

*Mastigando aquilo que ele me deu, senti uma coisa estranha por estar com o nariz tapado e disse o primeiro alimento que me veio em mente:*

*- Biscoito de chocolate!*

A partir do momento que o aluno identificava o alimento que acabara de provar, os colegas do grupo escreviam na tabela o alimento pronunciado pelo aluno experimentador. Primeiro, o aluno degustava o alimento com o nariz obstruído com os dedos do colega. Desta forma, não utilizava o olfato. Depois, sem o nariz obstruído, o aluno mastigava o mesmo alimento. Logo, a experimentação envolvia duas etapas: primeiro, estimulava o paladar a partir da inviabilização do olfato com as vias nasais obstruídas; depois, a partir da desobstrução das vias nasais, era possível haver interação entre olfato e paladar.

*Nesse momento que eles estavam escrevendo, ficou tudo silencioso. Perguntei para a professora se eu ia poder comer mais biscoito e ela disse que meu colega iria colocar outro pedaço na minha boca, mas sem colocar os dedos no meu nariz.*

*Fiquei bem mais contente.*

*O Lucas colocou um pedaço na minha boca e eu comi. Disse que era um biscoito mesmo, mas não o de chocolate porque o gosto era diferente.*

*E mais uma vez ficou um bom tempo em silêncio, eu já estava ansioso. Quando ouvi a Beatriz perguntar a professora:*

- *Eu vou escrever o alimento errado que ele disse? Vamos tirar nota baixa por causa do Henrique então.*

*Fiquei mais ansioso ainda.*

*Respirei fundo e pensei: se eu errei, o que foi que eu comi então?*

*Ouvi alguns colegas falarem que era cereal.*

*Quando ouvi o nome cereal, lembrei da casa da vovó quando eu tomava leite e comia esse tal de cereal. Achei melhor não falar sobre isso, pois no momento senti muita falta da minha avó. Mas, ao perceber o quanto eu estava gostando daquela atividade porque não precisava estudar e ainda estava comendo, a tristeza passou! (risos)*

*Quando a professora falou para meus colegas escolherem outro alimento, fiquei curioso e com esperança de ser outra comida gostosa. A Beatriz até brincou dizendo que era biscoito de chocolate daquela vez! A turma toda sabe que amo biscoito de chocolate...*

*Taparam meu nariz de novo!*

*Nossa, fui tão animado mastigar, imaginando um biscoito de chocolate e era um pedaço gelado, aguado... Nada bom. Acho que deu para ver na minha cara que não gostei.*

*Sacudi a cabeça um monte de vezes para a Beatriz tirar os dedos do meu nariz, mas ela não tirou.*

*Eu disse para a professora que era muito ruim. Que eu não gostava de melancia! Que uma brincadeira de comer melancia era chato, que eu tinha gostado muito mais do tal do cereal.*

- *Você só quer saber de comer biscoitos, né?, ouvi a Beatriz perguntar.*

- *Acha mesmo que é melancia?, questionou o Lucas.*

- *Claro! Uma coisa aguada e mole desse jeito. Só pode ser melancia, respondi.*

*Quando o Lucas tirou os dedos do meu nariz e disse que ia colocar outro pedaço na minha boca... Nossa, deu vontade de tirar a venda e sair correndo daquela sala.*

*Achei que outro pedaço seria demais, já que eu odeio melancia.*

*A professora disse para a Beatriz aproximar um pedaço do meu nariz já que eu não queria comer mais. Quando ela colocou perto, eu senti que aquele cheiro não era estranho, mas que também não era de melancia. Então, eu disse:*



- Tudo bem, pode botar na minha boca. Quero provar mais um pedaço disso.

*Mastiguei e cuspi o pedaço no chão da sala! Reclamei e disse eca, muito ruim. Isso é melão!*

- Tudo para você é ruim, menos biscoito! (risos), disse o Lucas.

*A professora me parabenizou pela coragem de comer. Quando retirei a venda, fiquei procurando um pedaço de biscoito para tirar aquele gosto ruim da minha boca. Foi aí que encontrei mais um pouco de cereal e engoli rapidinho sem nem a professora ver.*

*Puxei a ficha da mão da Beatriz, pois estava louco para ver a tabela. Então, li a pergunta “O resultado da experiência de provar os alimentos confirma ou não o que achavam no início?”.*

*Eu percebi na hora que tínhamos errado, porque eu não consegui identificar os alimentos corretos quando meu nariz estava tapado com os dedos dos meus colegas.*

- Sempre percebi que para comer eu tinha que sentir o cheiro antes, disse Beatriz.

- Você marcou não na primeira pergunta, Beatriz, disse o Lucas.

*Nessa hora eu falei que quando eu como biscoito de chocolate não observo que sinto o cheiro.*

- Realmente, você só come biscoito de chocolate, é?! Lembra das vezes que você ficou gripado e não conseguia sentir o gosto do biscoito direito? perguntou o Lucas.

*Quando meu colega perguntou sobre isso percebi que realmente fazia sentido. — Meninos, acredito que vocês conseguiram compreender essa relação de interdependência entre o olfato e paladar, afirmou a professora.*

*Eu e todos os meus colegas perguntamos na mesma hora:*

— É o quê?

*A professora começou a explicar que olfato e paladar são dois dos sentidos humanos. Sentidos relacionados a sentir mesmo. Ela me usou como exemplo. Falou que quando eu comi cereal e melão, usei a boca para sentir o gosto dos alimentos. Então, a boca é o órgão do corpo humano responsável pelo paladar, ou seja, sentimos o gosto com a boca.*

*Fui bem esperto e disse:*

- Hmmm, entendi. Então o olfato seria o do nariz, já que eu preciso dele para ter certeza do que eu mastigo, não é?

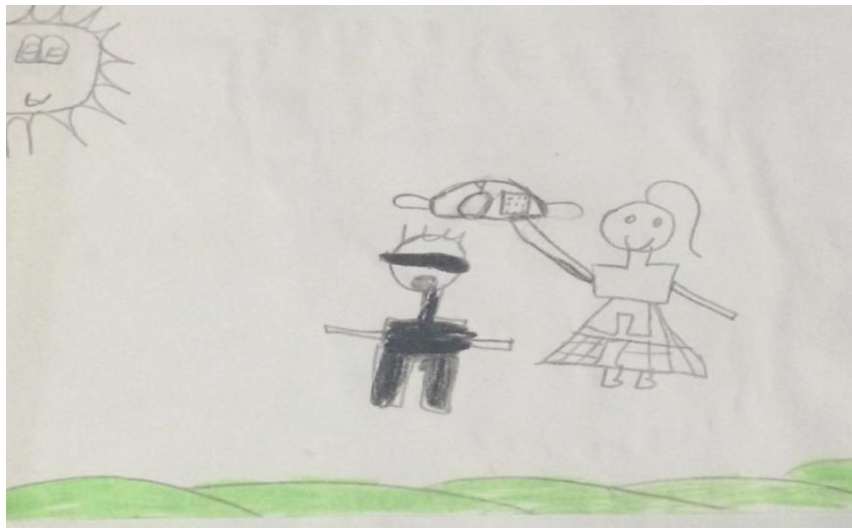
*E assim, a professora me parabenizou com entusiasmo de um jeito que nenhum professor tinha feito antes, fiquei bastante contente. Todos os meus colegas começaram a comentar sobre o que perceberam da atividade, alguns ainda tiveram dúvidas sobre os nomes olfato e paladar, estes pediram para a professora escrever no quadro os conceitos. Eu pelo menos entendi.*

Percebi que alguns alunos não compreenderam os conceitos a partir da experimentação. Estes discentes solicitaram que eu escrevesse os conceitos na lousa para que eles transcrevessem no caderno. Essa demanda enfatiza a necessidade dos alunos em escrever os conceitos científicos para que haja a memorização dos mesmos. Refleti sobre essa evidência e afirmei que iríamos estudar mais sobre os sentidos nas aulas posteriores.

*Então, chegou o momento em que a professora pediu pra gente pegar os cadernos. Fiquei assustado! Mas, ela pediu para escrever ou desenhar sobre a experiência que tivemos na sala. Se gostamos ou não e se queríamos outras atividades daquele jeito.*

*Eu me desenhei bem feliz... (Imagem 2).*

**Imagem 2:** Desenho elaborado pelo Henrique.



**Fonte:** própria autora (2016).

*Não aguentava mais aquelas aulas de Ciências que tinha que escrever várias folhas do caderno ou ler páginas do livro. Achei legal falar com a professora sobre isso. Eu disse:*

*— Professora, eu gostei muito mais da sala desse jeito, de estudar com essa atividade, só queria te pedir uma coisa...*

*E adivinha o que eu pedi?*

*— Traz biscoito de chocolate na próxima atividade, por favor.*

*E todos começaram a sorrir!*

Com esta atividade que propus, busquei que uma trivial atividade de experimentação pudesse apresentar aos alunos outro olhar relacionado à ciência. Portanto, a atividade que realizei pretendeu que inicialmente os alunos compreendessem os conceitos olfato e paladar e percebessem estes sentidos a partir da experimentação dos alimentos que proporcionou o estímulo dos sentidos do corpo humano. Para que, nos momentos posteriores, apresentasse aos alunos as definições de cada um dos conceitos científicos presentes no livro didático.

Naquele dia, após a realização da atividade, percebi mais nítido ainda o meu desassossego relacionado a ausência da abordagem do aspecto sensível que pode ser aproximado do ensino e aprendizagem dos conceitos científicos. Penso que o verdadeiro sabor da ciência pode estar na aproximação destes dois estilos de ensino: memorização e experimentação. Acredito que a memorização não pode ser a única forma utilizada, esta estratégia é de imensa importância, mas ela por si só, é insuficiente diante dos fenômenos complexos que emergem no século XXI. Sob outra perspectiva, existe a dimensão do experimentar que pode proporcionar a interação do sujeito com o objeto de estudo, incentivar o uso da curiosidade, da criatividade e possibilitar a construção de conceitos pelos discentes.

Diante disso, posso afirmar que eu poderia ter utilizado a estratégia de ensino presente no livro didático e solicitada pelos alunos. Porém, pretendi que os estudantes compreendessem os conceitos a partir das suas experiências. Busquei fazer com que a atividade auxiliasse os alunos a perceberem as sensações provocadas pelos sentidos do corpo humano para que eles pudessem construir conceitos espontâneos a partir da experiência e não apenas decorar as definições presentes no livro didático. Afinal, a concepção que privilegia o ensino e a aprendizagem na predominância da

memorização dos conceitos em detrimento de outras condições de conhecimento é o que me desconforta.

Bem como é necessário aprender as definições científicas, é imprescindível ir a campo, fazer viagens aos ambientes naturais, ter laboratórios de pesquisas e realizar experimentos na escola. Talvez seja necessário viajar pelo mundo como fez o geógrafo Alexandre von Humboldt com os diversos aparelhos de medição e, em alguns momentos, fazer semelhante ao matemático Carl Friedrich Gauss que se isolava para pensar rabiscando equações em folhas de papel, como descreve Daniel Kehlmann no livro 'A medida do mundo' (2007).

Neste sentido, reflito sobre a circunstância elencada por Leopoldo de Meis no texto intitulado 'Chocolatologia' (2002) que retrata a diferença entre conhecer e sentir o sabor do chocolate. O bioquímico indica que saber como é produzido o chocolate, os benefícios e malefícios do seu consumo, as quantidades exatas dos componentes para sua fabricação, é uma dimensão do conhecimento a respeito do doce. Segundo o autor, outra dimensão está relacionada com a oportunidade do sentir, experimentar e pôr na boca.

E por falar em chocolate, recordo de uma passagem na qual Bernardo Soares (2006), o ajudante de guarda-livros, confessa a importância do sabor do fumo e do chocolate na rememoração das suas vivências. Ou seja, para o autor, o sabor do chocolate é muito mais que doce, gostoso, agradável. É um recurso que aguça as suas memórias.

Um simples bombom de chocolate escangalha-me às vezes os nervos com o excesso de recordações que os estremece. A infância! E entre os meus dentes que se cravam na massa escura e macia, trinco e gosto as minhas humildes felicidades de companheiro alegre de soldados de chumbo, de cavaleiro congruente com a cana casual meu cavalo. Sobem-me as lágrimas aos olhos e junto com o sabor do chocolate mistura-se ao meu sabor a minha felicidade passada, a minha infância ida, e pertenço voluptuosamente à suavidade da minha dor (PESSOA, 2006, p. 369).

A partir da metáfora do chocolate utilizada pelo bioquímico Leopoldo de Meis e da narrativa do Bernardo Soares para falar sobre as suas memórias ao se deliciar com um chocolate, indico a vocês a proposta da tentativa de complementação entre inteligível e sensível, razão e emoção, memorização e experimentação. A experimentação enriquece o saber, proporciona maior interação com o objeto de estudo, aproxima os aspectos do conhecer e do sentir.

Enfatizo que estou desassossegada bem como Bernardo Soares estava quando escreveu os seus textos. Me preocupo com o ensino e a aprendizagem das Ciências. Alguns autores utilizam terminologias como alfabetização científica ou letramento científico. Porém, independente da terminologia ou dos teóricos que as preconizam, permaneço aflita ao pensar se os alunos da Educação Básica compreendem os diversos conteúdos e conceitos científicos que lhe são apresentados.

Estas inquietações me mobilizam. Espero que também incomode vocês. Afinal, há imensa necessidade de sermos professores desassossegados, não podemos permanecer inertes diante do que nos incomoda na área do ensino. Precisamos perceber a necessária flexibilidade dos conceitos, pois não é preciso estarmos presos as definições. Pelo contrário, necessitamos ser menos rígidos com o aprendizado dos conceitos científicos.

Como sugere Maria da Conceição de Almeida, antropóloga e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no artigo 'Por uma ciência que sonha' (2003), assim como os conceitos, as situações das nossas vidas não podem ser vistas como fixas e imutáveis. A autora faz uso de metáforas, uma estratégia comumente desfrutada pela mesma em suas obras e intitula as seções de 'castelos de areia', 'a flor do cacto' e 'horizontes de fuga'. Nesta passagem do texto podemos perceber a inquietação da autora com relação a isto:

Nada contra os conceitos! No entanto, apesar de atestar que grande parte da comunidade científica deles se alimenta, me diz mais as noções, essas fórmulas narrativas mais abertas e oxigenadas! Sou mais vulnerável aos compromissos com a vida que me rodeia e me sucumbe e menos permeável à sedução dos conceitos que explicam por que as coisas são como são. Sou mais instigada a compreender e dialogar com os fenômenos que constituem a condição humana, e menos interessada na topologia explicativa, na definição que encarcera, na classificação que distingue. Não que a classificação, a definição e a explicação não tenham sentido, mas pelo fato delas não valerem por si só (ALMEIDA, 2003, p. 23).

Na primeira seção do texto, a autora indica que estamos sempre em busca de realizar sonhos na tentativa de que nossos castelos de areia se fortaleçam. Segundo a antropóloga, a ciência é um dos castelos de areia que estamos, ao longo dos anos, em coletivo, elaborando e modificando. Dessa forma, somos fazedores de castelos de areia a partir do desenvolvimento dos nossos sonhos e desejos.

Enxergo nos fazedores de castelos de areia uma metáfora equivalente à reflexão acerca do nosso desassossego. É necessário sermos inquietos e

inconformados para que os nossos castelos de areia sejam alterados com o passar do tempo, com as mudanças de contextos, com as alterações da intensidade dos ventos que nos tocam. A nossa agilidade em construir nossos castelos é primordial para realizarmos os nossos desejos e, talvez, sossegaros.

‘A flor do cacto’, segunda metáfora elencada por Almeida, transmite alegria, esperança, vida. Ao traçar o cenário da vegetação seca na qual existe o cacto com seus espinhos e com sua flor extravagante, a autora sugere, de forma encantadora, que “a flor do cacto aparece, para nos dizer que *nem tudo são espinhos*, e que é possível abrir espaços criativos, desejantes, libertários e prontos para serem coloridos conforme as cores que nos aprazem” (ALMEIDA, 2003, p. 32).

Penso que perceber e admirar a flor existente no cacto é abandonar o olhar amargo, lamurioso, desesperançoso. É mais vantajoso viver em busca do encontro das flores do que dos espinhos presentes nos cactos. É mais prazeroso perceber que as incertezas da vida podem ser geradoras de alegria do que ter o olhar sempre voltado para as dores e tristezas.

Como professora, percebo o meu desassossego com relação a existência de outras possibilidades de ensinar Ciências que vão além da memorização dos conceitos científicos. Posso indicar que estas outras formas de ensino e aprendizagem dos conhecimentos são as flores que eu enxergo no cacto da realidade da sala de aula e que me desestabilizam por causar inquietação. Acredito que esta aflição é também de alguns ou vários de vocês. Não é uma aflição que angustia, entristece. Mas, que desequilibra, provoca movimento.

Para que os nossos castelos de areia continuem a ser construídos e as nossas flores dos cactos sejam observadas, é indispensável que tenhamos ‘horizontes de fuga’, terceira seção indicada pela antropóloga. Precisamos viver na inquietude, pensar, ensaiar, tentar, movimentar, sair da lamúria, do aconchego que vivemos muitas vezes no âmbito educacional. Precisamos buscar alternativas e perceber o inacabamento e a insuficiência existente nos aspectos que são vistos como completos e imutáveis. Talvez utilizar a memorização como única forma de aprendizagem dos conceitos científicos represente o inacabamento.

Levantar da cadeira é o primeiro passo para sonharmos com possíveis horizontes de fuga. Nômades, *flaneur*, caminhantes, talvez sejam os atributos de um novo ser do conhecimento que quer correr o risco do pensar complexo, que quer abrir os braços para o abraço. Esse é um sonho possível e para isso, basta que não transformemos os limites invisíveis em barreiras intransponíveis. Amanhã, ou daqui há mil anos, poderá fazer sentido as

palavras de Jean Cocteau: 'Não sabendo que era impossível, ele foi lá e fez' (ALMEIDA, 2003, p. 35).

Diante da necessidade de construir uma ciência que permita sonhar, como preconizada por Maria da Conceição de Almeida, é importante nos mobilizarmos em proporcionar outras formas de ensino e aprendizado. O olhar do professor está voltado, muitas vezes, para as dificuldades de aprendizagem, para os índices de alfabetização e de aprovação nos exames nacionais, o número de evasão escolar, para os espinhos da educação. Enquanto isso, há outras formas de aprendizado como o uso de atividades experimentais, a possibilidade de aproximar a realidade dos alunos, ou seja, as flores existentes na área do ensino. Refletir sobre a necessária aproximação entre as flores e os espinhos pode ser o nosso horizonte de fuga.

A proposta da atividade experimental que me causou desassossego é um exemplo desta tentativa de propor a vocês este olhar para as possibilidades existentes. Porém, me vi na situação do Bernardo Soares quando li as seguintes palavras: "ah, mas como eu desejaria lançar ao menos numa alma alguma coisa de veneno, de desassossego e de inquietação. Isso consolar-me-ia um pouco da nulidade de acção em que vivo. Perverter seria o fim da minha vida. Mas vibra alguma alma com as minhas palavras? Ouve-as alguém que não só eu?" (PESSOA, 2006, p. 96).

Escrevo para vocês na tentativa de lançar o veneno, o desassossego e a inquietação assim como desejado pelo ajudante de guarda livro. Mas será que vocês estão inquietados com as minhas palavras aqui presentes? Será que vocês acreditam que é necessário alargarmos as formas de ensino na Educação Básica? Talvez vocês corroborem com a proposta ou quem sabe até me respondam esta carta. Esta é a minha esperança, que o nosso coletivo de professores perceba a possibilidade de aproximar diferentes modos de conhecimento que proporcione o envolvimento do aspecto sensível na área do ensino.

Penso no texto 'Uma astronomia das constelações culturais', de Maria Conceição de Almeida (2017) que aborda sobre a proposta de uma 'ciência primeira' do filósofo Claude Lévi-Strauss. Esta ciência preconizada pelo antropólogo belga indica uma aproximação com a lógica do sensível. Diante disso, a antropóloga indica três lições de uma ciência primeira referentes ao pensamento e construção do

conhecimento, buscando alternativas para o problema da dicotomia existente entre o sensível e o racional, duas formas de pensar, agir e conhecer.

A primeira lição intitulada 'proximidade com a natureza viva' sugere uma maior aproximação com os ambientes naturais e a elevação dos sentidos, ou seja, prestar mais atenção a tudo o que vemos, sentimos e tocamos. 'Estranhamento e rigor crítico' é a segunda lição que propõe o envolvimento do pesquisador durante a investigação, que este seja sensível ao mesmo tempo que inquieto e impaciente. Por fim, a terceira lição é denominada 'o pôr do sol como modelo do pensamento' que indica a importância de a percepção sobre a verdade ser transitória e do saber como incompleto. Sugere que o pesquisador deve desenvolver o espírito etnográfico existente na nossa condição como humanos e que amplia o sentimento de curiosidade que é essencial no desencadear das pesquisas.

A curiosidade, a percepção do inacabamento, o espírito etnográfico são características que precisam estar presentes na nossa experiência de vida como educadores. Estas três lições de uma ciência primeira, elencadas por Maria da Conceição de Almeida a partir das ideias de Lévi-Strauss, proporcionam uma reflexão acerca da estratégia de ensino que utilizamos, o modo como agimos no ambiente escolar, a nossa sensibilidade ao escutar os nossos alunos. Entendo a necessidade de desfrutarmos dos nossos espíritos desassossegados e resistirmos aos métodos de ensino baseados na objetividade e neutralidade para proporcionar envolvimento, prazer e apreciação dos discentes.

Para isso, sugiro que os métodos que preconizam rigidez metodológica, planejamento constante, impessoalidade, objetividade, precisão dos resultados, são insuficientes para o âmbito educacional. Embora tenham trazidos muitos avanços, estes modelos não abordam as incertezas existentes no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, os seus preceitos não preconizam interações entre os diferentes aspectos, não possibilitam que haja a aproximação que acredito ser necessária para o ensino das Ciências.

Esta possibilidade de haver complementaridade entre duas dimensões vistas como opostas é preconizada por Edgar Morin no princípio dialógico do pensamento complexo. Morin é antropólogo, sociólogo e filósofo francês que contribui com estudos em filosofia, epistemologia, sociologia, educação, dentre outras áreas.



Na obra 'A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento' (2017) o autor afirma que inexiste uma definição delimitada sobre o que é o pensamento complexo. O termo complexidade desencadeia ambiguidades e diferentes interpretações. Complexo não como sinônimo de complicado, mas do latim '*complexus*' que significa "o que é tecido junto" (MORIN, 2017, p. 14).

Desta forma, o pensamento complexo propõe aproximação entre dicotomias existentes, por exemplo, natureza e cultura, ciência e arte, razão e emoção. Em suma, preconiza a não fragmentação das áreas dos saberes e a percepção de que os conhecimentos são inacabados e incompletos. Segundo Morin, o princípio dialógico propõe a aproximação entre estas circunstâncias dicotômicas e possibilita que dois fundamentos sejam indissociáveis ao se tratar de um mesmo fenômeno. Isto é, a dialogia associa instâncias complexas que são vistas como concorrentes e antagônicas, mas que são complementares. Estas aproximações enriquecem as nossas construções do conhecimento e permitem maior clareza da complexidade do mundo atual.

Para que a educação tenha como enfoque esta religação dos conhecimentos e das diferentes estratégias de ensino se faz necessário que ocorra o que Edgar Morin sugere por reforma do pensamento que proporciona um pensamento do contexto e do complexo. Esta reforma propõe distinguir e entrelaçar as dicotomias existentes, ensinar a condição humana e enfrentar as incertezas, alguns dos princípios que compõem a teoria do pensamento complexo do filósofo. Sendo assim, precisamos incentivar a reforma do pensamento no âmbito educacional para desenvolvermos a religação proposta pelo princípio dialógico principalmente no aspecto relacionado aos modos de ensinar os conceitos científicos.

Na escola primária nos ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas, em vez de reunir e integrar. Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor; e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento (MORIN, 2017, p. 15).

Diante disto, acredito na importância da nossa criticidade com relação às formulações de conceitos que são vistos como completos, totais, imutáveis, verdades absolutas. Morin alerta que os conceitos são transitórios e incompletos.

Com a atividade 'Estimulando os sentidos: olfato e paladar' que realizei com a proposta de não priorizar a memorização dos conceitos científicos do conteúdo

abordado, busquei alterar o modo de ensino que exalta apenas o aprendizado das definições. Poderia ter realizado a discussão dos cinco sentidos do corpo humano com o uso exclusivamente do livro didático e apresentar aos alunos as conceitualizações presentes no mesmo. Por outro lado, penso na importância de abarcar outras abordagens sobre a temática.

Por falar em outras formas de ensino, posso elencar algumas que possibilitam a participação dos discentes no processo de aprendizagem. Assim como Edgar Morin sugere a utilização de filmes, das músicas, das artes, acredito que o uso da dramatização a partir do teatro, por exemplo, é uma estratégia que pode enriquecer o aprendizado uma vez que a inclusão das artes cênicas desenvolve a oratória, a expressão corporal, a criatividade e a interpretação de textos dos alunos. Os contextos históricos sobre as construções dos conceitos científicos também podem ser apresentados aos alunos juntamente com o processo de aprendizagem destes conceitos. Além disso, o uso de atividades experimentais, investigativas, é uma alternativa para proporcionar o contato dos alunos com as outras formas de aprendizagem das noções científicas.

Em suma, Edgar Morin indica que o ensino considere a literatura, a poesia e o cinema para que haja uma religação dos saberes com essas expressões artísticas que fazem parte da cultura humana. O filósofo explana que podemos a partir dessa interação com poesias, romances e filmes nos identificarmos e demonstrarmos sentimentos e aflições. A complexidade da vida humana está refletida, muitas vezes, nestas obras literárias e cinematográficas.

Abranger o ensino das artes é desenvolver estas noções nos nossos alunos uma vez que este âmbito estimula a escuta e a sensibilidade que é de suma importância em nossas vidas. Não podemos abandonar a dimensão sensitiva na construção do conhecimento. Precisamos enfatizar o valor da sensibilidade, do amor e do reconhecimento dos alunos com os aprendizados.

Esta inquietação se assemelha ao incômodo do Bernardo Soares quando afirmou que: “chega-nos então a ânsia da vida, de conhecer sem ser com o conhecimento, de meditar só com os sentidos ou pensar de um modo táctil ou sensível, de dentro do objecto pensado, como se fôssemos água e ele esponja” (PESSOA, 2006, p. 118).

Identifico a proposta que eu acredito para o ensino das Ciências com este desassossego que almeja aproximar o sujeito do conhecimento do objeto a ser conhecido. Afinal, pretendi com a atividade que propus que os discentes se envolvessem como participantes e construtores do conhecimento.

Esta pretensão condiz com o princípio da reintrodução do sujeito cognoscente de Morin. Como indicado pelo termo reintroduzir, faz-se necessário permitir que o aprendiz seja novamente o sujeito do conhecimento, sujeito que é ativo no processo de aprendizagem. Este sujeito que é abordado atualmente como passivo, submisso, dependente do professor, precisa ser readmitido como pensante, estrategista, observador, sobretudo alguém curioso para que a sua atuação seja essencial no processo de aprendizagem.

Diante disto, poderia escrever para enfatizar as complicações tão marcantes relacionadas à pesquisa, educação, ensino, as dificuldades de aprendizagem dos alunos, das condições que temos para ensinar. Porém, ao destacar estas situações, nos provocam desânimo na busca pelo conhecimento. Por outro lado, optei então por evidenciar a confiante inquietude que podemos ter ao visar um futuro melhor na área do ensino. Esta inquietude precisa desencadear mudanças nas estratégias de ensino. Não precisamos nos contentar em utilizar apenas da proposta presente do livro didático. Precisamos manter o espírito inquieto. Para isso, o desassossego deve nos perseguir o tempo inteiro. O nosso espírito deve ser aguçado, assim como o espírito dos filósofos, estes estão sempre desassossegados bem como Bernardo Soares nos exemplifica.

Perceber e assumir que, algumas vezes, estamos condicionados a agir sempre da mesma forma é de suma importância. Vivemos na lamúria, reclamamos das mesmas situações relacionadas à educação. Contudo, mais importante do que perceber os nossos incômodos, é se confrontar com os mesmos. Se o ensino é segmentado em áreas e estamos incomodados com esta conjuntura, se buscamos realizar atividades que envolvem outras disciplinas, o nosso olhar deve se voltar à inseparabilidade e não fragmentação dos fenômenos educacionais. Esta concepção de educação pode auxiliar, a nós e aos nossos alunos, no processo de construção do conhecimento que é confundido, constantemente, com informações.

Com a mídia e o avanço das tecnologias, o acesso às informações é fácil, rápido e móvel. Podemos com apenas um *click* nos conectar com uma ampla

disponibilidade de informações relacionadas às mais diversas temáticas. Isto exige cuidado, principalmente dos jovens, em discernir o bom e o mau uso dessas informações e dos artefatos que possibilitam essa interação direta indivíduo-informação como os celulares, PCs e tablets.

Edgar Morin sugere que “o conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionando com as informações e inserido no contexto destas. As informações constituem parcelas dispersas de saber. Em toda parte, nas ciências como nas mídias, estamos afogados em informações” (MORIN, 2017, p. 16).

Ou seja, há uma importante diferença entre informação e conhecimento que muitas vezes é ignorada por nós. O conhecimento só existe na ocasião que ocorre uma inserção e inter-relação da informação com a realidade na qual ela está inserida, desenvolvendo assim um conhecimento pertinente ao indivíduo.

É evidente que o dispositivo móvel é um instrumento facilitador da vida humana, porém não podemos priorizá-lo, pois precisamos desenvolver a nossa capacidade de memorização. Atualmente, nós não buscamos memorizar coisa alguma, pelo contrário, esquecemos tudo. O celular é utilizado como HD (*Hard Drive*, “memória em massa” em português). Formamos então, uma geração de desmemoriados. Buscamos na *Internet*, com o arcabouço de informações disponíveis e de fácil acesso, as soluções para as nossas demandas e desprezamos a necessidade de adquirir conhecimentos.

Do mesmo modo que a memorização, as informações também têm tamanha importância na área do ensino. Afinal, sem informação não construímos conhecimento. Contudo, é primordial que ocorra contextualização das informações disponíveis e da memorização de determinados conceitos para que proporcione a construção do conhecimento. Portanto, estar imerso de informações não significa que esteja constituído de conhecimentos.

Segundo Morin, é essencial desenvolvermos cabeças bem-feitas e não bem cheias. A cabeça bem cheia é composta por diversas informações que não estão contextualizadas. Por outro lado, a cabeça bem-feita é a que permite avizinhamentos entre os saberes que estão inseridos nos ambientes culturais, políticos, econômicos e sociais. O processo de ensino e aprendizagem deve abranger esses diversos contextos nos quais estamos inseridos. Afinal, os nossos conhecimentos são

consequentes as mestiçagens resultantes destas interações como indicado por Michel Serres.

Serres é um filósofo francês que atuou como professor visitante na Escola de Comunicação e Artes (ECA) na Universidade de São Paulo (USP). Seus livros contribuem para as áreas da filosofia da ciência, educação e comunicação, entre outras. Na obra 'Filosofia Mestiça' (1993) ao preconizar que o indivíduo deve se mover no mundo para conhecer o estranho, se misturar e ser contaminado de maneira que o outro provoque marcas na sua alma.

Laicidade é o título do prólogo do livro no qual o filósofo aponta a história do imperador Arlequim, aquele que partiu, esteve fora, em outros lugares, no exterior. Era evidente que o imperador não era mais o mesmo, voltou outro, multicolor, pois o seu casaco possuía formas e cores diversas e o seu corpo estava marcado pelas trajetórias vividas externamente. Arlequim é o personagem escolhido por Serres para apresentar o caminho da mestiçagem, o percurso do encontrar e acolher o diferente. Com a história deste imperador, o filósofo ensina que viver é perceber as diferenças, conviver com elas e com as marcas que permanecem no corpo a partir destas vivências. As tatuagens da pele são parte do ser mestiço uma vez que o percurso da estrangeiridade, do conhecer o outro local, produz estas grandes marcas no homem.

A mestiçagem, neste sentido filosófico, não possui uma definição determinada como a mestiçagem biológica que é relacionada às raças. A mestiçagem que assegura a possibilidade de abranger um terceiro aspecto é indescritível. Ela intermedeia dois domínios e garante um terceiro a partir do 'lugar mestiço', lugar de interseção entre os dois anteriores, lugar das misturas. Não é a síntese de dois aspectos, mas o envolvimento entre ambos conservando as características de cada um e alargando outro, que é o terceiro.

A aproximação entre duas noções que são de naturezas distintas proporciona a existência de uma terceira que não equivale a nenhuma das duas primeiras. Por exemplo, segundo a lógica formal, existem conhecimentos científicos e os ditos não científicos. Se ignora então, as inúmeras possibilidades que podem ser encontradas por meio das duas classificações e a diversidade que resulta na aproximação e troca entre elas.

Segundo Michel Serres, o terceiro é o outro, estranho, misturado, mestiço. Tornar-se mestiço é conhecer o outro lado, outros costumes, vivências, uma língua

diferente da materna. Alterar, mexer, desorganizar, sair do equilíbrio, transfigurar. O mestiço é resultante de mudanças desencadeadas pelo contato com o outro.

Escorregadio, o lugar mestiço expõe o passante. Mas nada se passa sem este escorregão. Ninguém jamais se modificou, nem coisa alguma no mundo, sem se recuperar de uma queda. Toda evolução e todo aprendizado exigem a passagem pelo lugar mestiço. De forma que o conhecimento, seja pensamento ou invenção, não cessa de passar de um lugar mestiço a outro [...] e aquele que conhece, pensa ou inventa logo se torna um passante mestiço. Nem posto nem oposto, incessantemente exposto. Pouco em equilíbrio, e também raramente em desequilíbrio, sempre desviado do lugar, errante, sem moradia fixa. Caracteriza-o o não lugar, sim, o alargamento, portanto a liberdade ou, melhor ainda, o desaprumo, esta condição constrangedora e soberana da condução à verdade (SERRES, 1993, p. 19-20).

Nesta abordagem do Michel Serres percebo tamanha semelhança com a proposta que indico sobre a aproximação entre as diferentes formas de conhecimento. Ao aproximarmos o ensino de Ciências por experimentação da estratégia de fixação dos conceitos que é utilizada, estaremos sugerindo um ensino que abranja estes dois modos de ensino e aprendizagem. Não seria a sobreposição de um com o outro nem a junção, mas a aproximação. Será fascinante se nós juntamente com os alunos nos permitirmos ser seduzidos pela mestiçagem causada por harmonizar a memorização e a experimentação no caminho do ensino e aprendizagem das Ciências. A nossa orientação como guias desassossegados e desafiadores é de suma importância.

Esta discussão da mestiçagem a partir da obra de Michel Serres, me levou a recordar da carência que o Bernardo Soares sentia por não ter uma pessoa que o orientasse, não ter esse guia que tivesse contato direto e lhe influenciasse no modo de conhecer e de viver. Em um momento da obra, com o seu caráter melancólico, ele se manifesta afirmando que não existiam figuras importantes para lhe incentivar ou ensinar no decorrer dos dias monótonos que vivia: “nunca tive alguém a quem pudesse chamar ‘Mestre’. Não morreu por mim nenhum Cristo. Nenhum Buda me indicou um caminho. No alto dos meus sonhos nenhum Apolo ou Atena me apareceu, para que me iluminasse a alma” (PESSOA, 2006, p. 418).

Por outro lado, em outro contexto declara que “regra é da vida que podemos, e devemos, aprender com toda a gente. Há coisas da seriedade da vida que podemos aprender com charlatães e bandidos, há filosofias que nos ministram os estúpidos, há lições de firmeza e de lei que vêm no acaso e nos que são do acaso. Tudo está em tudo” (PESSOA, 2006, p. 333).

Diante disso, enquanto mestres, precisamos reconhecer esta inconstância dos conhecimentos para tentarmos propor interações entre as diferentes formas de ensino. Compreendo que a escola não pode abrir mão do rigor educativo uma vez que precisamos abarcar os conteúdos escolares que devem ser ensinados, a carga horária e a nota mínima exigidas em cada disciplina.

Entendo que a memorização e as propostas do livro didático são utilizadas por nós para que não tenhamos que dispensar este rigor. Percebo que os planejamentos das aulas devem ser elaborados para cumprirmos com as ementas das disciplinas escolares. Afinal, utilizamos o recurso da fixação dos conceitos científicos para desenvolvermos estes planejamentos.

Entretanto, penso que o ensino que visa aprofundar as dicotomias, fortalecer a segregação entre as áreas e disseminar a ideia da necessidade de uma cabeça cheia de informações é insuficiente para contemplar a complexidade do século XXI. Necessitamos então, urgentemente, alargar os nossos olhares e pensamentos para propor a religação das circunstâncias fragmentadas na área do ensino.

Sugiro que haja interação entre as disciplinas, abrangência e valorização dos saberes extraescolares que os discentes possuem, percepção das demandas dos conhecimentos que os alunos almejam. Além disso, precisamos incentivar a participação destes alunos no processo de aprendizagem, escolher cuidadosamente as temáticas a serem discutidas em sala de aula, considerar os erros e incertezas durante o processo de ensino, estimular os nossos discentes a agirem de forma inquieta, curiosa e investigativa.

Bem como Bernardo Soares, o ajudante de guarda-livros, não podemos permanecer inertes diante das circunstâncias que não nos agradam. Realço que sermos desassossegados com o que nos incomoda no ensino de Ciências é primordial. Ou começamos a fazer isto ou poderemos envelhecer sem a capacidade de criar.

A inquietude, o desassossego, a insatisfação nos empenha a buscar alternativas para educação. É evidente que neste caminho podemos encontrar obstáculos que nos desanimem, mas também podemos nos deparar com bifurcações que nos permitam escolher caminhos alternativos. Por isso, é essencial que haja deslocamentos. Nenhuma mudança é resultante de imobilidade.

Perante o exposto, provocaremos desequilíbrios que exigirão reorganizar os nossos conhecimentos. Já estou tentando construir os meus. Espero que vocês também tenham essa oportunidade. Com mais questionamentos e dúvidas do que resoluções, desajeitaremos a situação atual que nos incomoda e realizaremos mudanças a partir das religações. Afinal, a religação é um ato político.

Como educadora, proponho a tentativa de sermos tocados pela proposta sugerida por Edgar Morin da dialogia entre os pensamentos que possibilitem avizinhar estratégias diferentes para a construção do conhecimento principalmente a razão e a emoção, o sensível e o inteligível, a memorização e a experimentação que podem ser desenvolvidos no ensino das Ciências.

Acredito que assim como eu fui inquietada pela obra do Fernando Pessoa, vocês, meus colegas, podem ser provocados e desassossegados com a possibilidade de o ensino ser mais próximo do sensível, emocional, cultural, artístico. Desta forma, os nossos alunos escutarão mais e perceberão melhor os seus sentimentos.

Ressalto a necessidade de mantermos os nossos espíritos inquietos para desenvolvermos nos alunos a sensação de pertinência com os aprendizados científicos. Desassossegados, podemos estimular, nas aulas de Ciências, a construção do conhecimento a partir da experimentação com a finalidade do paladar do aluno sentir o verdadeiro sabor da ciência.

Encontrei em Bernardo Soares um desassossego semelhante ao meu. Almeida, Morin e Serres são autores que me deram pistas para desenvolver teoricamente a minha inquietação uma vez que os pensamentos destes teóricos são ensaios que retratam outro olhar relacionado ao ensino. Sendo assim, almejo despertar inquietações e contaminar vocês com as minhas ideias. Espero que estejam provocados...

Sintam-se à vontade para expressar pensamentos  
ou para questionar, caso haja dúvidas.  
Abraços.



## **GRATIDÃO COMO VIRTUDE**

De todo o amor que eu tenho  
Metade foi tu que me deu  
Salvando minh'alma da vida  
Sorrindo e fazendo o meu eu.

Maria Gadú

## **Amados filósofos,**

Vocês são as pessoas mais importantes da minha vida. Os ganhos afetivos e as possibilidades de desenvolvimento que sempre proporcionam, resultam no apego que tenho. Pai e mãe, é com esta reflexão que eu me inspiro nesta carta. E como é emocionante e prazeroso escrever para vocês, os indivíduos mais comunicativos que conheço. O silêncio é raro ao estar próximo de vocês, recordo o quanto solicitava por ele nos momentos que eu estava estudando. Hoje, no meu lar, afastado, vivo vários instantes de calma e sinto desejo em ouvir suas vozes em altos tons aqui perto. Mas, como vocês permanentemente dizem para eu me tranquilizar, é por um bom propósito.

Ao falar com vocês, meus filósofos, penso em todos os pais que têm seus filhos em formação, que buscam possibilitar melhores condições de vida aos seus descendentes. Vocês representam tantos outros pais...

Sei que vocês compreendem a importância dos pais na vida dos filhos, no amar, cuidar e educar. Educação familiar, antes da inserção da criança na escola, do ensino das expressões: bom dia, boa tarde e boa noite, por favor, com licença, do chamamento senhor e senhora com os mais velhos. Ou até mesmo antes da fala, na fase de balbucios. Vocês diziam '*Não!*'. Nunca tiveram receio em dizer não: '*não encoste nisto; não aperte o botão*'. Conhecemos várias famílias que os 'nãos' inexistem. E os filhos não foram melhores educados por ouvir apenas 'sins'.

Se não fossem vocês, eu não seria quem sou. Não teria a força de vontade e determinação para alcançar os meus sonhos. Se não fossem vocês, eu não estaria em busca da minha autoformação. Pais, vocês são meus alicerces, meus amigos, aos quais eu dedico cada vitória e recorro a cada angústia. Vocês são exemplos de progenitores. Agradeço por todos os incentivos, auxílios e pelo imenso amor que me proporcionam. É satisfatório conviver com vocês, meus filósofos, que não têm graduação em Filosofia, mas me inspiram, incentivam na minha formação e o no meu crescimento pessoal e profissional.

A inspiração para chamar vocês de filósofos se despontou a partir da leitura da obra do Edgar Morin intitulada '*Meus filósofos*' (2014). O teórico elenca mais de trinta autores que o influenciaram durante a sua vida. Estes indivíduos não são todos filósofos de formação, há romancistas, matemáticos, espiritualistas e um musicista que o inspiram desde a juventude e o auxiliaram na construção da sua teoria

denominada de pensamento complexo. Dentre eles, estão: Heráclito, Montaigne, Descartes, Pascal, Hegel, Marx, Spinoza e Freud. O autor explana em pequenos textos as principais contribuições de cada um dos seus filósofos e indica que esta abrangência de dimensões dos saberes destes teóricos o incentivaram a “entrelaçar tanto quanto possível filosofia, ciência, literatura, poesia e, bem antes que surgisse em mim a necessidade imperiosa de utilizar esse termo, eu buscava a complexidade que significa integrar simultaneamente as múltiplas dimensões de uma mesma realidade” (MORIN, 2014, p. 13-14).

Morin afirma que aceitou a proposta de elaborar a obra uma vez que a mesma permitiria reviver os mestres que contribuíram e estimularam com o seu intelecto. Ou seja, o francês reconhece e realça a abrangente relevância que cada um dos citados representa, pois foi a partir destes estudos que o filósofo construiu e enriqueceu seus conhecimentos. Ao abordar sobre a influência destes teóricos, o autor indica que o reconhecimento é de grande importância nas relações entre mestres e discípulos.

Além disso, o teórico francês salienta, de forma metafórica, que ele por ser uma abelha produz mel a partir das flores dos seus filósofos. Sugere que cada um dos influenciadores lhe apresentou ideias que o iluminou e auxiliou no seu entendimento sobre a vida. Para isso, não foi necessário Edgar Morin endeusar nem afirmar que tudo o que foi dito por estes filósofos lhe foi de bom uso. Afinal, é nítido o reconhecimento que o teórico sente pelos seus mestres, como bem explicitado, humildemente, pelo autor no decorrer da obra.

Sem meus filósofos, eu não seria ninguém e não poderia sentir senão emoções violentas, horrores, encantamentos: com eles, cultivei e formulei minhas emoções violentas, meus horrores, meus encantamentos. Eles nutriram minha vida ao nutrirem meu pensamento, e meu pensamento, formado a partir deles, nutriu minha vida [...], daí decorre a necessidade de hoje reconhecer minhas dívidas e expressar meus reconhecimentos (MORIN, 2014, p. 17).

Na obra intitulada ‘Meu Caminho’ (2010), Edgar Morin também apresenta figuras importantes da sua vida. Neste livro, há uma coletânea de entrevistas realizadas pela jornalista Djénane Kareh Tager que aborda questões da vida pessoal e profissional do filósofo francês. No decorrer das falas do autor, se torna evidente o reconhecimento com os seus entes queridos ao narrar as principais histórias da sua vida marcadas por curiosidades, questionamentos, pelo desenvolvimento do pensamento complexo, pelos recomeços. O autor revela sobre as paixões que viveu,

as emoções que sentiu durante o caminho da sua vida e as lutas que combateu diante das desigualdades e do terror gerado pelos domínios dos fascistas nas décadas passadas.

Neste sentido, Morin explana sobre a necessidade de comunhão entre os indivíduos e enfatiza a importância de as pessoas buscarem realizar algo em comum, das semelhanças entre os modos de pensar, agir e sentir, do se identificar com outros indivíduos.

O filósofo indica as influências existentes entre as nossas vidas e os aspectos que nos rodeiam, o contexto histórico e cultural, o local que nos encontramos imersos e os relacionamentos que construímos ao sugerir que “todos os *imprintings* culturais adquiridos desde o nascimento e, depois, na escola e na vida social determinam nos indivíduos (salvo os rebeldes e desviantes) seus princípios de conhecimento e suas visões do mundo” (MORIN, 2010, p. 289).

Afinal, inocência é acreditar que os nossos pensamentos e ações são originais, que não utilizamos dos conhecimentos apresentados por outras pessoas para elaborar as nossas próprias ideias. Pelo contrário, estes pensamentos são construídos a partir de estimulações das nossas leituras, das músicas que escutamos, dos filmes e peças teatrais que assistimos, dos nossos diálogos com os que convivem conosco, por exemplo. As influências ocorrem mesmo quando não as percebemos.

Pensar e refletir a respeito destas influências é enriquecedor. Os indivíduos precisam identificar os seus filósofos, no sentido utilizado por Morin, e perceber o quanto devem ser gratos com os mesmos. Desde os educadores da infância, pais ou responsáveis, até os acolhedores dos ambientes que frequentamos durante a vida, são inúmeras pessoas que encontramos, convivemos e que proporcionam desenvolvimentos em nosso ser a partir das relações afetivas que construímos.

Vocês sempre buscaram desenvolver o sentimento de afeto na nossa relação. Dos mínimos detalhes, um abraço, um beijo, até a tão marcante frase de apenas três palavras que faz imensa diferença na vida de uma pessoa ouvir e falar: ‘eu te amo’. Reconheço o cuidado que vocês tiveram ao perceberem a importância da afetividade na minha formação. Os nossos laços harmoniosos e afetivos me construíram como uma pessoa atenciosa, compreensiva e empática. Sou muito grata por isto.

Neste sentido, gostaria de abordar a importância da gratidão na vida das pessoas. Busco fortalecer este sentimento uma vez que falar de gratidão é tão raro.

Discutimos bastante sobre afetividade, mas não sobre a gratidão. A afetividade e o amor são imprescindíveis, mas a gratidão é essencial para vivermos bem.

Diante disto, posso afirmar que a minha escolha em abordar a temática gratidão foi despertada durante o Mestrado quando conheci os pensamentos do filósofo André Comte-Sponville. O teórico nasceu na década de 50, em Paris, foi professor por muitos anos da Universidade de Paris I: Panthéon-Soborbonne, porém se demitiu no final dos anos 90 para proferir palestras em espaços não universitários. Entre 2008 e 2016 foi membro do Comitê Consultivo Nacional de Ética.

Autor de diversas obras, o filósofo se refere a temas como condição humana, ateísmo, religião, amor, felicidade, valores e virtudes. Dentre os diversos teóricos referenciais deste filósofo estão Montaigne, Espinoza e Epicuro. Além destes, Comte-Sponville é estudioso de teóricos que sugerem a relação de responsabilidade existente entre os indivíduos como, por exemplo, Jean Paul Sarte que afirmou “sou responsável por mim mesmo e por todos” e Dostoiévski que indicou “somos todos responsáveis de tudo, perante todos”.

Na obra ‘Pequeno Tratado das Grandes Virtudes’ (1999), Comte-Sponville elenca dezoito valores que simbolizam nosso modo de ser, agir e viver que são: polidez, fidelidade, prudência, temperança, coragem, justiça, generosidade, compaixão, misericórdia, gratidão, humildade, simplicidade, tolerância, pureza, doçura, boa-fé, humor e amor. Dentre estas, destaco a gratidão como uma das grandes virtudes dos seres humanos.

O filósofo preconiza, em poucas e intensas páginas, a relevância desta virtude nas nossas vidas. Indica que a gratidão é generosa, feliz e simpática e está relacionada a vários aspectos que envolve a percepção, a humildade, o reconhecimento e o afeto entre os indivíduos. O filósofo afirma que “a gratidão é dom, a gratidão é partilha, a gratidão é amor” (COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 71).

De acordo com as ideias do teórico, para sermos gratos, se faz necessário que tenhamos humildade para reconhecer, corresponder e compartilhar. Sermos gratos é nos alegrarmos pelo o que é ou pelo o que foi, é abandonar a reflexão do que poderia ser ou ter ocorrido. É nos contentarmos com o que temos e somos ao invés de nos angustiarmos com as circunstâncias que nos faltam. É viver e perceber as coisas boas que nos rodeiam ao invés de lamentar pelas ocorrências que não nos agradam. É

pensar e perceber que estes acontecimentos podem desencadear outros que serão fundamentais para nós.

Refletir sobre a gratidão, segundo Comte-Sponville, nos coloca em condições de mensurar o quão próximos estamos desta virtude. Muitas vezes, utilizamos o termo gratidão de forma equivocada por acreditar que este sentimento sempre resulta em uma ação retorno, mas esta virtude não se trata apenas de retribuição. Podemos ser gratos e doar a alguém como forma de compensação, porém esta não é a principal característica da gratidão. Ou, por exemplo, quando pensamos que dizer frases como “muito obrigado” é o suficiente para exprimir a nossa gratidão. Não é isso, gratidão vai além...

O que há de mais simples? Prazer de receber, alegria de ser alegre: gratidão. O fato de ela ser uma virtude, porém, basta para mostrar que ela não é óbvia, que podemos carecer de gratidão e que, por conseguinte, há mérito – apesar do prazer ou, talvez, por causa dele – em senti-la. Mas por quê? A gratidão é um mistério, não pelo prazer que temos com ela, mas pelo obstáculo que com ela vencemos. É a mais agradável das virtudes, e o mais virtuoso dos prazeres (COMTE-SPONVILLE, 1999, p.70).

Ser grato é reconhecer e agradecer a algo ou alguém diante de algum acontecimento ou ação realizada que lhe alcance. A gratidão se vive, é um estado de espírito que podemos desenvolver e possibilitar a sua permanência. É um modo de vida que privilegia o reconhecimento das influências dos outros. É a retribuição do amor que recebemos e da alegria que alguém nos doa. Gratidão extrapola as gentilezas cedidas ao outro e é superior a qualquer ação realizada no interesse de retribuições. É comemorar a vida, cada momento que se passou, os objetivos alcançados e os que não foram concretizados também. É celebrar quem nós somos, o que temos e o que almejamos.

Um dos aspectos essenciais da gratidão presente nas relações humanas é a coletividade. Segundo as ideias de Comte-Sponville, ser grato é dividir com o outro a nossa alegria. Penso o quanto a nossa relação de pais e filha tem este aspecto coletivo impregnado. Em cada conquista ou perda, em cada sonho ou ansiedade, sempre compartilhamos os nossos sentimentos. A vitória de um de nós é pretexto para uma comemoração coletiva assim como a dor de apenas um se torna habitualmente inquietação de todos.

O filósofo enfatiza que “o amor quer dar alegria a quem o alegra, com o que a gratidão nutre a generosidade, [...] é o desejo ou zelo de amor pelo qual nos

esforçamos em fazer o bem àquele que o fez a nós, em virtude de um sentimento semelhante de amor por nós” (COMTE-SPONIVILLE, 1999, p. 71).

E por falar em zelo e amor, me recordo de Boris Cyrulnik, etólogo, neuropsiquiatra e psicanalista francês que enfatiza a importância dos afetos no bem-estar, autoestima e desenvolvimento humano. Na obra intitulada ‘Os patinhos feios’ (2004), o autor aborda sobre a possibilidade de superação dos traumas a partir da afeição recebida por outros indivíduos, o que ele denomina de ‘resiliência’. Segundo o psicanalista, a resiliência é o processo de transformação da criança que ultrapassa a fase traumática vivida e se desenvolve no meio e na cultura os quais está inserido.

Para tratar desta temática, o etólogo apresenta ao longo da obra trechos de relatos de experiências de pacientes de hospitais psiquiátricos franceses e de pessoas que viveram em campos de concentração. A partir destes intensos depoimentos, o autor discute a possibilidade de o indivíduo ultrapassar os traumas e escrever uma nova história.

Cyrulnik ocasiona então uma profunda reflexão sobre a importância dos afetos na vida de uma criança desde os seus primeiros meses de idade. Além disso, possibilita a percepção da relevância dos pais na educação dos seus filhos com afeição e significância para a realidade. Afinal, os jovens são sensíveis mesmo quando utilizam de mecanismos de defesas mais arrogantes. Os progenitores, muitas vezes, veem essa reação como mau comportamento e reprimem o jovem sem questionar se há alguma circunstância que acarrete naquele determinado modo de agir. Por exemplo, quando ocorre algo inusitado na escola que leve a alteração do comportamento da criança, o professor pode não observar este acontecimento. Posteriormente, a criança se comporta diferente em casa consequente ao ocorrido no ambiente escolar e os responsáveis por ele também não observam a alteração do modo de agir do jovem. Ou seja, pode ocorrer casos de em ambos os ambientes a modificação do comportamento do aluno ser ignorado.

Constantemente, segundo o neuropsicanalista, os jovens se tornam invisíveis nos espaços os quais convivem. Nesta ocasião, podem surgir indivíduos para serem seus ‘tutores de desenvolvimento’ e proporcionarem sua visibilidade. O encontro com figuras importantes surge nos ambientes nos quais a criança convive e que são primordiais para o seu desenvolvimento. O lar, a escola, a igreja e/ou outras instituições as quais ela pode ter contato frequente, são locais que apresentam

universos sensoriais diferentes. Estes ambientes devem ser estimulantes para os jovens.

Em nosso lar, vocês sempre enfatizaram a importância dos meus sentimentos. Ao questionar como havia sido o meu dia na escola, as atividades que foram realizadas, se me alimentei corretamente, demonstravam interesse em saber sobre a minha rotina escolar. E este é um hábito que mantemos em nossa família. Indagamos uns aos outros como estamos, se desejamos algo, se precisamos de companhia, etc. Estas pequenas demonstrações de interesses são situações essenciais, alimentam a alma e fazem bastante diferença no desenvolvimento do ser humano, principalmente para crianças e adolescentes.

De acordo com Cyrulnik, quando não há este olhar sensorial e afetivo, a criança pode viver uma realidade monstruosa na qual o meio que ela convive falha com o seu desenvolvimento. E é nesta vivência que ela pode sofrer um trauma e desencadear perturbações como histerias, depressão, entre outras consequências. Neste caso, necessitará ser apegada por uma pessoa que lhe estenda a mão e lhe doe afetos para que ela se torne resiliente.

Com este pensamento do neuropsicanalista que eu compreendo a seguinte afirmação do Comte-Sponville (1999): “a gratidão se regozija com o que aconteceu, ou com o que é; [...] Gratidão ou inquietude. A alegria do que é ou foi, contra a angústia do que poderia vir a ser” (COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 72).

Uma criança que está sofrendo e encontra uma pessoa para lhe amparar, precisa perceber a importância em ser grata com a mesma ao invés de lamuriar as ocorrências que lhe machucaram anteriormente a este encontro. Ou seja, a gratidão é consequente ao reconhecimento da oportunidade em se relacionar com um indivíduo que lhe impulse a viver melhor. Talvez a falta do encontro com ‘tutores de desenvolvimento’, como indica Cyrulnik, acarretem na realidade a qual nos deparamos: jovens que não sentem a importância da afetividade, do amor e da gratidão em suas vidas.

Sabemos que, infelizmente, nem todas as crianças têm o privilégio de ter o pai e/ou a mãe como apego. Essa ausência afetiva, segundo o neuropsiquiatra, desencadeia, em muitos jovens, um ‘hiperapego ansioso’ que é a escolha de utilizar algum objeto como representação de afeição. Por exemplo, um urso de pelúcia, um anel, um travesseiro ou qualquer outro possível objeto visível que se possa apegar



desesperadamente. Além destes objetos físicos, há crianças que optam por criar representantes imaginários que as acompanham durante o cotidiano e outras que optam pelos animais de estimação para auxiliar nos ferimentos das afeições. Esse apego demasiado pode resultar em ‘crianças-bolhas’, segundo Cyrulnik, que veem na relação com esse animal ou objeto (físico ou imaginário) uma relação afetiva monopolizada podendo tornar-se submissa e dependente da mesma.

Se a criança dispõe à sua volta de apenas um apego, sua evolução dependerá essencialmente das reações desse adulto que lhe dá afeto. Mas, se dispõe de vários apegos (pai, mãe, avós, irmãos, creche, escola, instituições), ela sempre encontrará um outro adulto que lhe apresente outro tutor de desenvolvimento, outra maneira de se apegar [...] A partir de então, a criança irá orientar-se preferencialmente para esse outro fornecedor de gestos e palavras. Se um tutor se quebra ou não convém ao temperamento da criança, um outro pode cumprir sua função, sob a condição de que a criança tenha adquirido o meio de resiliência de um apego seguro [...] (CYRULNIK, 2004, p. 75).

Ao ler estes pensamentos do etólogo francês penso na nossa relação, o quanto vocês sempre me incentivaram a ser afetiva e grata com os outros que me rodeiam. Penso que vocês compreendem esta afirmativa do Comte-Sponville (1999) ao sugerir que “a gratidão não nos tira nada, ela é dom em troca, mas sem perda e quase sem objeto. A gratidão nada tem a dar, além do prazer de ter recebido” (COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 70).

Diante disso, alerta sobre a urgência da nossa sociedade ensinar os jovens a serem gratos com todos os responsáveis pelos seus aprendizados. Temos que os incentivar a perceber a importância das pessoas que estão em suas vidas, os professores, colegas, parentes, cada um deles que o estimulam direta ou indiretamente.

Como já comentei algumas vezes com vocês, enfatizo aqui a abrangência de funções e atividades que competem a minha profissão: participar da elaboração do projeto político pedagógico da escola, elaborar os planos de aula e os materiais didáticos, ministrar aulas com carga horária a ser cumprida, ensinar os conteúdos delimitados para cada turma, elaborar e realizar provas avaliativas para atribuir notas individuais aos alunos, preparar os discentes para as avaliações externas à escola que são vistas como decisivas para o futuro. Além disso, nos encarregam em abordar sobre discussões de cidadania, respeito ao próximo, cuidados corporais e psicológicos, higiene básica, dentre outras diversas especificidades.

Minha intenção não é vitimizar os profissionais da minha área, mas sim alertar sobre a quantidade de sobrecarga que nos ocupam. Preciso enfatizar a necessária realocação das funções que não nos incubem. Por exemplo, os pais ou os responsáveis pelos jovens têm diversas responsabilidades dentre as realizadas pelos educadores. Desta forma, precisam perceber que o docente não deve e nem pode ser o principal encarregado pela educação do seu filho. A educação familiar é de suma importância para o desenvolvimento humano. Os responsáveis pela criação dos seus filhos também têm as suas atribuições no âmbito educacional. Muitas vezes, os pais abrem mão de educar os filhos por pensar que a escola é a única responsável. Porém, os professores e a escola não podem fazer tudo. A escola é complementar, e não substituta, da educação familiar.

Inclusive, como vocês perceberam desde os meus primeiros anos de vida, o ambiente familiar é a primeira escola na qual o indivíduo é imerso no processo de aprendizagem. É evidente que o contato inicial não é sobre o ensino da leitura e escrita, dos conteúdos das disciplinas, mesmo que alguns pais, assim como vocês fizeram, apresentem estas lições. Contudo, a educação do lar se volta para o estímulo do desenvolvimento do filho, aos procedimentos que devem ser seguidos no cotidiano, aos principais chamamentos e saudações, como as expressões citadas anteriormente, 'bom dia, boa tarde, boa noite, com licença, muito obrigada, senhor e senhora'.

O ambiente escolar é o caminho que os alunos percorrem para aprenderem os saberes que os pais não possuem habilidades ou disposição para ensinar. Além disso, a partir da convivência com outras pessoas, além da família, há o desenvolvimento de outros saberes que são aprendidos a partir das interações. Portanto, os conhecimentos apresentados pelos pais e os saberes que são ensinados na escola são complementares.

Diante disso, posso enfatizar a urgência do reconhecimento das figuras importantes existentes nas vidas dos indivíduos. As relações demandam gratidão. Devemos perceber a necessidade de sermos gratos uns com os outros uma vez que a melhor alternativa de disseminar a ação é darmos exemplos ao agirmos como pessoas gratas bem como vocês fizeram comigo e eu tento fazer com os meus alunos.

Comte-Sponville alerta que "o certo é que a gratidão se distingue da ingratidão precisamente por saber ver no outro (e não, como o amor-próprio, unicamente em si

mesmo) a causa de sua alegria – pelo que a ingratidão é ruim, pelo que a gratidão é boa, e torna bom” (COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 71).

Com o passar dos primeiros anos de idade, a criança pode ser destinada a perambular por outros domínios que influenciam na sua educação: academias de ballet, natação, futebol, boxe, rodas de capoeira, aulas de instrumentos, cursos de idiomas, igrejas e a escola, aquele local que se torna seu segundo lar. Todos estes espaços têm o aprendizado como principal objetivo e cada um deles influencia diretamente no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos jovens. Ou seja, é enriquecedor para o indivíduo que tem a oportunidade de participar destas atividades.

Esta discussão me remete a Edgar Morin que sugere na teoria do pensamento complexo que haja aproximações entre as formas de conhecimento existentes. Avizinhar os ambientes formativos dos jovens é, segundo o teórico francês, uma estratégia interessante para o processo de aprendizagem. Bem como já indiquei para vocês, os filósofos de Morin são de diversas áreas diferentes e em conjunto, os auxiliaram a pensar sobre a complexidade da vida. Sendo assim, o próprio autor é um ótimo exemplo para enfatizar que a aproximação entre os diversos saberes é enriquecedora.

Por outro lado, existem aspectos da realidade do nosso cotidiano escolar que são complicados. Nós, professores, não conhecemos todos os contextos históricos e culturais nos quais os nossos alunos estão envolvidos. Infelizmente, o abuso no uso de drogas pelos jovens é uma realidade. Bem como, o comércio ilegal de entorpecentes é um caminho que cativa, cada vez mais, crianças e adolescentes. Não podemos ignorar este fato. Saber que temos alunos que no turno posterior à escola irão se envolver com traficantes ou usuários e não poder agir diante disto, é deprimente. Ignorar ou excluir estes alunos durante as realizações das atividades diárias na sala de aula devido a estes envolvimento, é desumano.

Além desta conjuntura, há casos de jovens que crescem com o objetivo de serem profissionais que eles acreditam que a escola não forma como por exemplo, atleta, músico, desenhista, tatuador, comerciante. Nestes casos, os jovens dedicam seu tempo na aprendizagem destes ofícios e acabam, muitas vezes, abandonando a escola em busca de viver seu sonho.

Acredito que estes discentes que estão envolvidos em atividades extraescolares deslocam estas atividades para suas casas e salas de aula. Os seus

pensamentos, ações e desenvolvimentos cognitivos são influenciados por estas outras atividades. Constantemente, nos deparamos com alunos que vivem nesta realidade, os reprimimos e classificamos como desinteressados.

Desta forma, considero a necessidade de os pais e os professores perceberem a abrangência de outros locais formadores nos quais os jovens estão inseridos e os orientadores presentes nestes espaços. Afinal, não é apenas na escola que se aprende e não é só o professor do ambiente escolar que educa. Todas as pessoas envolvidas no cotidiano dos jovens contribuem com a sua formação. Em outras palavras, os ambientes, as pessoas e os acontecimentos diários os modificam e acrescentam características em suas vidas. Não são só as atividades escolares que são formadoras.

Nós, como adultos, precisamos reconhecer a importância de propormos interações entre os diversos núcleos de formação existentes. Perceber que estes locais onde os nossos jovens estão inseridos colaboram com a educação dos mesmos uma vez que estes ambientes ensinam regras, conhecimentos sobre a vida, fé, gratidão, saúde. Buscar realizar conexões com estes núcleos é de suma importância, pois estas aproximações são possíveis de serem realizadas e desencadeiam o alargamento dos sentidos dos jovens e enriquecem o processo de aprendizagem. Além disso, as interações entre as diferentes formas de conhecimento proporcionam o desenvolvimento da dialogia entre os saberes como preconizado por Edgar Morin.

Acredito que vocês compreendam isto. Afinal, como filósofos que são para mim, sempre incentivaram que eu reconhecesse as influências dos meus professores. Além disso, se atentavam para que a minha educação fosse realizada em vários ambientes. Assim, fui privilegiada em frequentar aulas de natação, ballet, jazz, sapateado e inglês. Hoje, percebo a influência de cada uma destas modalidades em minha vida.

Visto que as nossas aproximações com o diferente proporcionam interações, misturas, entrelaçamentos, saliento que uma das formas de sermos gratos com os outros é quando percebemos estas influências existentes nas nossas vidas, quando compreendemos que não somos mais os mesmos a partir de determinada situação ou encontro.

A interação com o outro é essencial. Só somos um a partir desta interação, do encontro e acolhimento do diferente para permitirmos que o sentimento de gratidão seja desenvolvido com a percepção das interações resultantes dos encontros da vida.

Segundo Comte-Sponville (1999), “a gratidão é alegria, repitamos, a gratidão é amor [...]. Alegria somada a alegria: amor somado a amor [...] Superabundância de alegria comum, de alegria recíproca, de alegria partilhada” (COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 73).

Esta discussão me remete ao filósofo francês Michel Serres na obra ‘Filosofia Mestiça’ (1993) que indica a importância da mestiçagem dos saberes. O autor escreveu suas ideias a respeito das etapas que percorremos no caminho da mestiçagem em três capítulos intitulados: criar, instruir e educar. Estas três características da mestiçagem são de grande importância para pensarmos na gratidão como virtude humana.

Segundo o autor, criar é o início do percurso da mestiçagem quando a figura do mediador, do mestre, instrutor aparece. Este mestre é aquele que seduz, instiga, inquieta, desloca. O mestre, pedagogo, educador é aquele que contesta. Não ensina conteúdos, mas instiga o discípulo a se movimentar em busca destes conhecimentos, pois “quem não se mexe nada aprende” (SERRES, 1993, p. 14).

Instruir, de acordo com as ideias de Serres (1993), é o processo no qual o mestre apresenta as suas experiências, instrui alguém sobre o saber e permite que o mesmo simule as suas ações, que seja um ‘papagaio’ e imite o outro como indicado pelo filósofo. Porém, isto ocorre em determinado período de tempo, não deve ser realizado longamente, pois o outro precisa ser independente na construção dos seus conhecimentos.

Após essa inserção na mestiçagem, ocorre o processo da educação. Educar para Michel Serres (1993) é ensinar o jovem a deixar de ser ‘papagaio’, de repetir o mais velho. A figura do educador é de suma importância neste processo, pois é necessário orientar o mestiço a abandonar, a se afastar do seu mestre. Apenas longe do equilíbrio ocorre o processo de mudança. Educar é proporcionar o desequilíbrio do jovem.

Durante a obra do Michel Serres, Arlequim é o personagem que caminha por estas três etapas do tornar-se mestiço. Ao final, o corpo do Arlequim possui diversas marcas adquiridas durante o percurso do conhecimento do estrangeiro. Estas marcas representam as imitações que ele fez dos seus mestres que encontrou no caminho. Após a mestiçagem, o Arlequim se transforma em Pierrô que tem um valor da cor branca e possui várias cores dissolvidas. Esta metáfora indica que há a possibilidade

de o indivíduo mestiço se tornar multicolor, diverso, porém, sempre incompleto. O Pierrô pode se transformar novamente em Arlequim e vice-versa. Este ciclo é desordenado e indefinido. Diante disso, o filósofo indica que a instabilidade faz parte da filosofia mestiça a qual preconiza. Neste sentido, a mestiçagem é semelhante à luz das cores dissolvidas no branco.

Percebo com a obra do Serres que o sentido do ensino mestiço é essa soma branca da luz e da relação Arlequim e Pierrô. É a possibilidade de novas aventuras, novos conhecimentos, novos encontros com o diverso. Desencadear a alteridade, me colocar no lugar do outro, do distinto. Mediar e participar em pelo menos dois universos. Para isto, se faz necessário produzir, inventar, agir diante dos conhecimentos construídos durante a aventura. Criar o novo a partir das grandes marcas que carregamos. Nos movimentarmos sempre a partir dos novos aprendizados. Após aprender, o viajante pode ensinar aos outros os seus conhecimentos adquiridos durante o percurso. Como sugere o filósofo:

Criado nessas chamas irregulares, instruído, educado, ele engendra em si pessoas mestiças ou espíritos que salpicam as suas formas e os seus fulgores sobre seu corpo e sua alma, assim como as peças e pedaços que compõem os fogos coloridos do casaco de Arlequim ou o fogo branco que os soma [...] Re-nascido, ele conhece, tem compaixão. Finalmente, pode ensinar (SERRES, 1993, p. 190).

A partir dos exemplos que vocês me deram fui criada e instruída como papagaio, sempre quis falar do jeito que vocês falavam, me comportar como se comportavam, fazer o que vocês faziam. Acredito que o meu apreço pela leitura é resultante da sua influência, mãe. Os diversos livros de autoajuda, aqueles que eu julgava muito, mas não resistia e sempre acabava os folheando. Porém, enfatizo principalmente os livros de romance! Esses sim me encantavam. Lembro quando líamos as mais lindas histórias de casais apaixonados e depois assistíamos os filmes que reproduziam as suas histórias. E o meu gosto eclético musical com certeza foi estimulado por você, pai. Lembro que desde a infância a música era o vício da nossa família, sempre escutávamos muita música ao entrar no carro, nos momentos de descanso, ao lavar a louça, etc. E este ainda é um hábito nosso, são ações que sempre nos demandam um ambiente sonoro.

Para ser sincera, eu tenho muito de vocês em mim, qualidades e defeitos que identifico na minha personalidade e na de vocês. Como preconiza o Michel Serres não se educa sem criar e nem instruir. É necessário ser papagaio, imitar. Atualmente,

estou me educando, consigo realizar atividades de forma autônoma e segura. Mas, se hoje eu realizo estas ações de me educar e desenvolver minha autoformação é porque fui criada e instruída por vocês que sempre foram os meus filósofos. Os enxergo como meus educadores que permitem a minha mestiçagem: novas aventuras, novos encontros com o diverso. Gratidão a vocês por isso.

Lembro que na infância cantei a seguinte música para que fosse gravada em um CD como presente para vocês em uma das datas comemorativas na escola. Atualmente, esta canção expressa completamente meu sentimento:

**Como é grande o meu amor por você**

Eu tenho tanto pra lhe falar  
 Mas com palavras não sei dizer  
 Como é grande o meu amor por você  
 E não há nada pra comparar  
 Para poder lhe explicar  
 Como é grande o meu amor por você  
 Nem mesmo o céu nem as estrelas  
 Nem mesmo o mar e o infinito  
 Nada é maior que o meu amor  
 Nem mais bonito  
 Me desespero a procurar  
 Alguma forma de lhe falar  
 Como é grande o meu amor por você  
 Nunca se esqueça, nem um segundo  
 Que eu tenho o amor maior do mundo  
 Como é grande o meu amor por você  
 Mas como é grande o meu amor por você  
 - Roberto Carlos

Por outro lado, não posso me omitir em falar da relevância da autoformação na minha vida como adulta. É evidente que as pessoas que convivem conosco são de suma importância para nossos conhecimentos. Entretanto, nós também somos participantes do nosso próprio desenvolvimento mesmo que não nos demos conta disto. Pode parecer inadequada esta afirmação, mas como adultos sabemos e sentimos melhor do que ninguém, o que nos movimenta, anima, provoca e instiga.

A minha autoformação é de suma importância para a minha carreira profissional. Busco ser melhor no que faço e sempre estou inquieta com as circunstâncias que me envolvem. Porém, compreendo que sem vocês e os outros formadores que participaram da minha educação, eu não seria capaz de complementar a minha formação com o passar do tempo. Ou seja, se hoje consigo analisar, criticar, pesquisar e me formar, é devido a influência que vocês me deram quando eu era um 'papagaio'. Logo, a autoformação é desencadeada pelos

sentimentos de reconhecimento (gratidão) e de entrelaçamentos das ideias (mestiçagem).

Sendo assim, talvez, a percepção desta mestiçagem proposta por Serres seja um caminho para desenvolvermos a gratidão com os interlocutores que contribuem com a nossa formação. É essencial que o mestiço reconheça as características acrescentadas a partir do encontro com o outro. Se o diferente me enriqueceu a partir de determinada situação, preciso ser grata ao mesmo. Diante disso, olhar para traz e reconhecer as figuras importantes é imprescindível.

Como dito anteriormente, nós, professores, não falamos sobre gratidão nas escolas e nem valorizamos os indivíduos que contribuem com o processo de ensino e aprendizagem, não agimos gratificadamente e nem ensinamos os nossos alunos a agirem. Por isso, percebo a essencialidade dos pais participarem do desenvolvimento do vetor gratidão para que possamos no ambiente escolar refletir a possibilidade de abrangermos esta virtude como estilo de vida. Com isso, poderemos indicar aos nossos filhos e alunos a importância de eles serem gratos com os indivíduos que o rodeiam atualmente e as pessoas que foram significativas em algum momento passado. Então, reflito: pensamos em valorizar as pessoas que estão inseridas em nossas vidas no presente, mas esquecemos que as do passado também têm tamanha importância.

No ambiente escolar, por exemplo, não falamos sobre os nossos professores antigos, nem procuramos nossos mestres. Não sabemos como estão atualmente, nem nos preocupamos com as suas saúdes e modo de viver. Somos ingratos com os mesmos. Cada educador que passou por nossa vida desde a infância até a fase adulta nos proporcionou aprendizagens que estão marcadas em nós. Muitas vezes, não percebemos estas influências, porém se faz necessário que nunca deixemos de agradecer a estes interlocutores. Quando os abandonamos, ignoramos tamanha significância em nossas vidas.

E com isso compreendo o pensamento de André Comte-Sponville (1993) que sugere que é tão simples sermos gratos, não nos tira nada, não perdemos e nem gastamos. Só dividimos: alegria, felicidade e gratidão. Reconhecer e agradecer é contagiante. Quando somos gratos com o outro, cedemos motivos para este outro nos ser grato.



Meus filósofos, constantemente vocês relembram os momentos da minha formação que lhes marcaram e resgatam as fotos que registraram destes momentos, me incentivam a falar com os meus antigos professores quando os encontramos, me encorajam nos estudos e na minha autoformação. Penso que o reconhecimento que tenho pelos mestres do meu percurso escolar é consequente a valorização que vocês dão aos professores da Educação Básica.

Esta reflexão me remete a obra 'Lições dos Mestres' (2018) do professor francês George Steiner. O autor aborda sobre os processos de ensinar e aprender ao enfatizar a relação entre Mestres<sup>5</sup> e discípulos, professores e alunos. Para isso, exemplifica as relações entre Sócrates e Platão, Jesus e os discípulos, Virgílio e Dante, Heloísa e Abelardo, Edmund Husserl e Martin Heidegger e os devotos da musicista Nadia Boulanger.

A partir destas histórias, o autor ressalta na obra três temáticas: o poder do Mestre em explorar o discípulo, a traição ou superação do discípulo com o seu Mestre e a troca de confiança, amor e aprendizagem entre Mestre e discípulo que, segundo o crítico literário, ocorre a partir do processo de osmose, de troca, marcada por intensos diálogos nos quais o Mestre ensina e aprende simultaneamente.

Evidencio esta última temática elencada pelo autor uma vez que a mesma se avizinha com os sentimentos de gratidão e mestiçagem que acredito serem necessários nas relações humanas. Nas outras duas categorias, a relação entre Mestre e discípulo não proporciona interações que enriqueçam a ambos, é unidimensional a direção do ensino. Na relação de troca entre os conhecimentos dos Mestres com os seus discípulos, a doação ocorre de maneira recíproca, é uma via de mão dupla uma vez que ambos são modificados com a relação. O Mestre ensina ao seu discípulo e aprende com o mesmo; o discípulo aprende com o Mestre e ensina ao mesmo, não há relação de superioridade.

A intenção do teórico não é sugerir que mestres e discípulos possuam as mesmas estratégias de ensino e os mesmos conhecimentos. Afinal, é evidente que um Mestre tem maior experiência sobre determinado assunto e sobre a melhor forma de incentivar os seus discípulos a construírem conhecimentos. Por outro lado, o autor indica que ao ensinarmos aos nossos discípulos, aprendemos outros conhecimentos

---

<sup>5</sup> Utilizo a letra maiúscula para 'Mestre' e 'Mestres' fazendo alusão a forma de escrever do autor George Steiner (2018).

que não compreendíamos anteriormente aquela interação. É nessa relação mútua de respeito e aprendizado que há o desenvolvimento da apreciação e confiança entre os envolvidos.

George Steiner enfatiza que há uma necessidade na condição humana de ensinarmos os conhecimentos que adquirimos com o passar do tempo. O crítico literário alerta que esta é a razão da nossa existência: vivemos a partir dos processos de ensino e aprendizagem.

Esta possibilidade de estimular o indivíduo a alcançar os seus objetivos e realizar as suas vontades, o auxiliar no percurso do conhecimento, educar no enfrentamento das suas dúvidas e incertezas, é gratificante. Penso então que é esplêndida a realização de um Mestre ao ser reconhecido por um discípulo e é singular a experiência de compreender um Mestre quando se é discípulo. Afinal, é tão gratificante ser admirado por alguém a quem ensinamos e, mais gratificante ainda é poder admirar alguém que nos ensina. A admiração e o orgulho em ensinar e aprender são primordiais nas relações educativas. Segundo o educador francês, “a força motriz é a admiração – admiração pela estatura do Mestre e orgulho por ser aceito como seu discípulo” (STEINER, 2018, p. 176).

Por outro lado, segundo o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, perdemos a nossa habilidade de admiração. O autor aborda na obra ‘Sociedade do cansaço’ (2017) sobre o mal-estar da civilização no século XXI e as doenças neuronais geradas pelo desempenho e trabalho que realizamos. Além disso, situa indiretamente que não temos mais a percepção da importância das relações humanas. Individual, singular, particular e privativo são as características que se sobressaem atualmente. Logo, o não reconhecimento do coletivo é alarmante.

O filósofo indica que “a falta de relação com o outro provoca acima de tudo uma crise de gratificação. A gratificação como reconhecimento pressupõe a instância do outro ou do terceiro” (HAN, 2017, p. 83).

Podemos indicar então, de acordo com as abordagens elencadas por Han, que os indivíduos não compreendem a importância das relações com os seus Mestres, sejam pessoas que estão ou estavam em suas vidas. Por exemplo, as relações de vizinhança já não são mais as mesmas ou nem existem mais, a interação dos netos com seus avós, dos alunos com os professores. Relações que sempre foram intensas e respeitadas, hoje raramente são vistas desta forma.

A partir deste entendimento da nossa ingratidão com os outros que convivemos, procurei registros historiográficos que versam sobre a gratidão entre os humanos. Com isso, me impressionou o encontro de frases de filósofos gregos do período de antes de Cristo que já reconheciam, naquela época, a importância da gratidão como uma virtude humana que se faz necessária nas interações entre os indivíduos. Dentre as passagens que me deparei, destaco as seguintes: Antístenes (445 – 365 a.C.) afirmou que “a gratidão é a memória do coração”; Esopo (620 – 564 a.C.) sugeriu que “a gratidão é a virtude das almas nobres” e Cícero (106 – 43 a.C.) indicou que “a gratidão não é somente a maior das virtudes, mas a origem de todas as outras”.

Diante disto, compreendo que a gratidão sempre foi de imensa relevância para a vida das pessoas. E, ao destacar a afirmação de Antístenes, penso na obra ‘O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente’ (1998) da escritora e psicóloga Clarissa Pinkola Estés que aborda a importância dos narradores de histórias nas nossas vidas.

Segundo a autora, a convivência entre os seres humanos proporciona a construção de histórias e o desenvolvimento da tradição oral ocorre a partir da narração destas. A escritora sugere que “seja a sua família velha, jovem ou ainda em formação, seja você amante ou amigo, são as experiências compartilhadas com os outros e as histórias que se contam depois sobre essas experiências, além daquelas que se trazem do passado e do futuro, que criam o vínculo definitivo” (ESTÉS, 1998, p. 38).

É evidente que as relações humanas são essenciais para o processo de narrar histórias. Se eu pensar em alguma história aleatória de minha vida para narrar para vocês, certamente envolverá seres humanos que convivem ou conviveram comigo. Sendo assim, não posso afirmar que a minha história é construída sozinha. Pelo contrário, há um coletivo de pessoas que me incentivam na construção da minha vida. Perceber esta realidade me auxilia no desenvolvimento da gratidão por minha parte com os entes que me rodeiam.

Neste sentido, reflito o quanto que vocês sempre falam com carinho dos seus avós, da importância que eles tiveram em suas vidas, da aproximação que vocês tinham com eles. Além disso, me lembro da infância quando nas tardes de sábado e nos horários de almoço aos domingos vocês perambulavam nas casas dos seus pais

e faziam questão que eu estivesse presente. Lembranças que me fazem sentir o gosto e o desejo de ingerir a lasanha e o bolo das minhas avós uma vez que como indica o Comte-Sponville (1999):

A gratidão (*charis*) é essa alegria da memória, esse amor do passado – não o sofrimento do que não é mais, nem o pesar pelo que não foi, mas a lembrança alegre do que foi. É o tempo reencontrado, se quisermos ('a gratidão do que foi', diz Epicuro). Compreendemos que esse tempo torna a ideia da morte indiferente, como dirá Proust, pois aquilo que vivemos, a própria morte, que nos levará, não poderia tomar de nós: são bens imortais, diz Epicuro, não porque não morremos, mas porque a morte não poderia anular o que vivemos, o que fugidia e definitivamente vivemos. A morte só nos privará do futuro, que não é. A gratidão liberta-nos dele, pelo saber alegre do que foi [...]. Gratidão: desfrutar eternidade (COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 72).

Hoje, reconheço a dimensão destas ocasiões singulares e me preocupo se permaneço um longo tempo longe destas figuras tão significantes em nossas vidas. Acredito que estar presente em alguns momentos com eles para conversar, questionar, abraçar e beijar é o mínimo que posso fazer para tentar manifestar o tanto que sou grata por eles existirem e me proporcionarem viver com vocês, meus filósofos.

Por outro lado, admito que, frequentemente, evito vínculo com pessoas que estão próximas. Com as redes sociais e as ferramentas utilizadas para nos comunicarmos com os diversos "amigos" que adicionamos, nos esforçamos em apresentar um perfil com fotos e mensagens que as pessoas nos vejam como felizes, realizadas e amigáveis. Porém, quando encontramos estes amigos virtuais pessoalmente, sequer conversamos mais de duas frases. Sei que esta realidade os incomoda muito, sempre comentam que estamos vivendo rasamente, nos aproximando de quem está longe através de uma tela de celular e nos afastamos de quem está próximo.

Esta circunstância me lembra o sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman que aborda em 'Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos' (2004) as características de incerteza, insegurança, efemeridade e vulnerabilidade das relações humanas nos tempos atuais.

De acordo com as ideias do autor, a solidez do amor entre os indivíduos se desmancha a partir das conexões que os avanços tecnológicos proporcionam e que resulta em liquidez e uma falsa interação entre as pessoas.

Desta forma, os relacionamentos são marcados por falta de compromisso consequentes ao desejo de individualidade e liberdade. Segundo o filósofo, temos dificuldade em estabelecer vínculos afetivos uma vez que não sabemos nos aproximar

dos indivíduos de forma que entrelace nossas vidas nas deles. Depois de um prazer momentâneo, as pessoas são facilmente trocadas por outras. O autor salienta então a era dos amores líquidos no mundo moderno marcado pela solubilidade.

Meu desejo aqui não é enfatizar essa triste realidade, a minha pretensão é incentivar o fortalecimento das relações humanas. Acredito que as reflexões feitas pelo autor são essenciais para que eu possa desenvolver meus pensamentos. No geral, o polonês trata de relacionamentos amorosos. Porém, em algumas partes engloba as relações familiares e de parentesco.

Logo, na minha leitura do Bauman consigo aproximar estas discussões sobre as relações humanas com o contexto que destaco aqui sobre a mestiçagem sugerida pelo Michel Serres e que é desenvolvida pelas interações entre as pessoas que desencadeiam no sentimento de gratidão. No momento em que o autor expressa as palavras abaixo, por exemplo, identifico a relação de pais e filhos em cada um dos sentidos elencados:

Se você investe numa relação, o lucro esperado é, em primeiro lugar e acima de tudo, a segurança - em muitos sentidos: a proximidade da mão amiga quando você mais precisa dela, o socorro na aflição, a companhia na solidão, o apoio para sair de uma dificuldade, o consolo na derrota e o aplauso na vitória; e também a gratificação que nos toma imediatamente quando nos livramos de uma necessidade (BAUMAN, 2004, p.29).

Zygmunt Bauman alerta que construir uma família é pular de cabeça em um local aquático desconhecido. Compreendo que esta é uma aventura que exige dos indivíduos responsáveis alterações do modo de viver, solicita este investimento que os relacionamentos amorosos suscitam. Muitas vezes, há necessidade de adiar ou cancelar alguns planos ou sonhos. Outras, de mudanças de casa, de automóvel. Todas essas ações em prol de buscar aconchegar melhor o mais novo integrante familiar.

Reflito então, o quanto que vocês alteraram suas vidas para desenvolver a nossa família. Poderiam sonhar com viagens e ou bens materiais, mas planejaram ter um filho como fruto do relacionamento. Afinal, “a alegria da paternidade e da maternidade vêm, por assim dizer, num pacote que inclui as dores do autossacrifício e os temores de perigos inexplorados” (BAUMAN, 2004, p. 61).

Como eu poderia ser ingrata diante disso? Como eu conseguiria não reconhecer estas alterações que vocês se propuseram a realizar para me gerar?

Neste sentido de ingratidão me lembro da discussão do Comte-Sponville (1999) sobre ser ingrato ou não diante dos afetos que recebemos. Podemos perceber a importância das ações dos outros em nossas vidas e ignorá-las ou agir de forma que os outros percebam a nossa satisfação. O filósofo problematiza:

Que importância têm os outros? Por isso o egoísta é ingrato: não porque não goste de receber, mas porque não gosta de reconhecer o que deve a outrem, e a gratidão é esse reconhecimento, porque não gosta de retribuir, e a gratidão, de fato, retribui com o agradecimento, porque não gosta de partilhar, porque não gosta de dar. O que a gratidão dá? Ela dá a si mesma: como um eco de alegria, dizia eu, pelo que ela é amor, pelo que ela é partilha, pelo que ela é dom. É prazer somado ao prazer, felicidade somada à felicidade, gratidão somada à generosidade... O egoísta é incapaz disso, pois só conhece suas próprias satisfações, sua própria felicidade, pelas quais zela como um avaro por seu cofre. A ingratidão não é incapacidade de receber, mas incapacidade de retribuir – sob a forma de alegria, sob a forma de amor - um pouco da alegria recebida ou sentida. É por isso que a ingratidão é tão frequente. Nós absorvemos a alegria como outros absorvem a luz: buraco negro do egoísmo (COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 70-71).

Diante dos sacrifícios necessários para se formar uma família, ao pensarmos em vínculos afetivos, os sentimentos de desânimo, preguiça, desinteresse, frieza, algo como uma anorexia afetiva, se assim posso denominar, se sobressaem. Os indivíduos não estão preocupados em criar relações afetivas. Pelo contrário, estamos nos afastando até dos parentes que possuem vínculos consanguíneos. Consideramos família apenas os que convivem conosco diariamente.

Como alerta o Zygmunt Bauman, estamos permitindo que as nossas relações familiares se liquidem uma vez que as redes de parentesco estão ameaçadas devido a fragilidade na qual se encontram. Não há segurança e nem expectativas de vida nestas redes. Por outro lado, por estarem em condição de debilidade, se tornam mais ricas ainda. Quando encontramos famílias que possuem um forte vínculo afetivo, admiramos demasiadamente.

Com o aspecto da fragilidade das nossas relações, posso indicar que a nossa sociedade está marcada por duas ações: consumir e descartar. Os objetos permanecem conosco um curto ou médio prazo. E não pensem que é diferente quando se refere a seres humanos, os utilizamos e absorvemos quando nos convém e após nos satisfazermos, nos desapegamos e deixamos ir embora, partir. Mesmo que, muitas vezes, seja de forma automática e sem intenção, participamos da cultura do descarte, não valorizamos e nem somos gratos com os que nos auxiliam e participam do nosso cotidiano.

André Comte-Sponville explica esta situação em poucas palavras ao indicar que “cada um, do amor recebido, prefere tirar glória, que é amor a si, em vez de reconhecimento, que é amor ao outro” (COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 71).

Na sociedade consumista e globalizada que vivemos há uma dinâmica acelerada na exibição de novos produtos que são mais estimulantes e atraentes do que as versões anteriores. Logo, o descarte para realizar uma troca é a ação mais comum a ser realizada pelos indivíduos. Podemos perceber de forma mais enfática o consumo das tecnologias e dos automóveis, por exemplo. Por outro lado, as relações afetivas não estão afastadas desta realidade. Realço que o consumo e o descarte ocorrem com os objetos e com as pessoas.

Enfatizo então a necessidade de nos posicionarmos contra a cultura do descarte, principalmente das pessoas idosas. Falamos sobre sofrimento, mas não levamos os jovens aos asilos ou abrigos. Discutimos sobre cidadania, solidariedade, caridade, afetividade, amor, porém não realizamos atividades que exemplificam ações de gratificação. Falamos aos jovens sobre as histórias do passado, mas não apresentamos os indivíduos que participaram destes contextos.

Aproximar pessoas de outros ambientes nos quais estes jovens não frequentam é de suma importância para proporcionar a mestiçagem dos saberes. Esta que é tão essencial para o desenvolvimento da gratidão...

Ouvir pessoas apresentarem sobre determinada temática aguça os nossos sentidos. Escutar as narrativas dos indivíduos proporciona a valorização do testemunho do outro e auxilia no rompimento com a cultura do descarte.

É evidente que precisamos contaminar a relevância de ensinar a gratidão aos nossos filhos e alunos. Afinal, gratidão se aprende no lar e na escola. Para isso, saliento que a melhor forma de ensinarmos a gratidão é a partir da exemplificação. É necessário apresentar aos jovens como somos gratos com os nossos pais, avós, tios e os antigos professores, por exemplo. Se não fizermos isso, educaremos jovens que não sabem valorizar e nem reconhecer a essência existente na família.

Tenho certeza que a gratidão que dou a vocês é perceptível e recíproca. Porém, reconheço que preciso ensaiar ser grata com outras pessoas que também são muito importantes na minha vida. Entendo que isto é necessário, mas não é fácil. É essencial que eu abra os portos da minha alma e me atente as marcas presentes no meu espírito

para que eu consiga olhar com atenção para frente e para trás e reconhecer os indivíduos que eu preciso agir de forma grata, doar atenção, interagir e ser humilde.

A gratidão é um modo de viver, é uma escolha que o indivíduo pode realizar e desenvolver no seu cotidiano. Penso e acredito que com a contaminação deste sentimento, podemos proporcionar um mundo melhor para todos. Para isto, precisamos apresentar as pessoas que nos envolvem que a gratidão é uma virtude.

Enquanto permaneço na busca de desenvolver esta virtude como modo de vida, continuarei a expressar a minha imensa gratificação por vocês. Os escrevo pensando nos outros tantos pais. Espero que estes compreendam a relevância deles na vida dos filhos. E, mais ainda, desejo que todos os filhos percebam a imensa importância de ter os seus responsáveis como filósofos, incentivadores e estimuladores.

Almejo que eu tenha conseguido com esta carta expressar, pelo menos um pouco, do tanto que sou grata a vocês. Gostaria de ser autora das palavras do Bráulio Lessa que escreveu, lindamente, a poesia 'A cor da gratidão'<sup>6</sup> que retrata em cada verso as mais lindas frases que gostaria de lhes dizer:

#### **A cor da gratidão**

Vou pintar com a cor da gratidão os cabelos prateados dos meus pais  
 Pelas vezes que eu pude aprender as lições que nenhuma escola ensina  
     Pelas curas sem usar de medicina  
     Pelo pão que me deram de comer  
 Pelas vezes que mesmo sem saber, fui guiado seguindo seus sinais  
     Enfrentando meus medos mais brutais  
     Com o escudo do metal da proteção  
 Vou pintar com a cor da gratidão os cabelos prateados dos meus pais  
     Pelas aulas de vida que ganhei de quem mais entendia da matéria  
     Por aquela cara feia, firme, séria que eu vi quase sempre que eu errei  
 Pelos sonhos que eu já realizei, inclusive os mais loucos, irrealis, impossíveis, talvez irracionais  
     Aprendi a voar, de pés no chão  
 Vou pintar com a cor da gratidão os cabelos prateados dos meus pais  
     Pelas vezes que não me senti só mesmo estando só eu e minha dor.  
 Nessas horas eu sentia esse amor me abraçando e apertando feito um nó  
     De repente essa dor virava pó  
 E as feridas que pra mim eram fatais como um corte feito por vários punhais  
     Um abraço transformava em arranhão  
 Vou pintar com a cor da gratidão os cabelos prateados dos meus pais  
     Quando o tempo feroz, acelerar desviando da nossa juventude  
     Não há nada pra fazer que isso mude  
 Não há freio no mundo pra frear o ponteiro insiste em não parar pro relógio

<sup>6</sup> Esta poesia foi declamada pelo Bráulio Lessa no programa 'Encontro com Fátima Bernardes' e está disponível no seguinte site: <https://globoplay.globo.com/v/7198858/>.



Todos nós somos iguais  
Pai e mãe são eternos, mas mortais  
É saudade que vira oração  
Vou pintar com a cor da gratidão os cabelos prateados dos meus pais  
Feliz de quem aprendeu  
E hoje pode ensinar  
É correr sem esquecer quem lhe ensinou a andar  
Feliz de quem dá amor para quem só fez lhe amar  
Feliz de quem pode ter companheiros tão leais  
Feliz de quem agradece com sentimentos reais  
Feliz do filho que vira um dia pai de seus pais!  
- Bráulio Bessa

Espero que um dia eu possa fazer por vocês tudo o que vocês já fizeram por mim, por hora, vou doando a vocês os meus sentimentos mais puros: amor e gratidão. Ser grata me proporciona felicidade por amar vocês. Gratidão pelo privilégio de conviver com vocês e por todos os ensinamentos que me proporcionam. Obrigada por vocês existirem, obrigada por me permitirem viver, obrigada por serem meus filósofos e me incentivarem a realizar os meus sonhos.

Com amor, carinho e saudades.  
Da sua filha, Luna.

## **SOBRE A CIÊNCIA DA COOPERAÇÃO**

O central na convivência humana é o amor,  
as ações que constituem o outro como um legítimo outro  
na realização do ser social que tanto vive na aceitação e respeito por si mesmo  
quanto na aceitação e respeito pelo outro.

Humberto Maturana

## **Queridos aprendizes,**

Esta carta é destinada a vocês, estudantes da Educação Básica. Sou professora, mas assim como vocês, também estudo. Vivo em constante processo de aprendizagem em busca de minha autoformação. Logo, ensino e aprendo. Ao lerem esta carta, não pensem em mim apenas como professora, mas como uma pessoa que sonha que estamos construindo um mundo melhor a partir da educação ao agirmos em conjunto. Preciso da participação de vocês, pois acredito que nos unirmos é a melhor estratégia.

Como vocês podem perceber, nossa sociedade está marcada pela competição. Há uma constante concorrência entre os indivíduos que formam uma sociedade que considera os aspectos do trabalho, produção, consumo, desempenho, competência e hierarquização. Nesta dinâmica, nos esforçamos para sobreviver. Infelizmente, esta conjuntura também está presente nos ambientes escolares. Pensamos em obter as melhores notas para nos posicionarmos nas primeiras classificações e sermos reconhecidos por tal esforço. Além disso, não questionamos aos nossos colegas se eles estão com dificuldades em determinada disciplina ou se estão precisando de ajuda nos estudos para tais avaliações. Ou seja, a característica predominante neste ambiente é o individual.

Comparo esta realidade com a do reino animal pelo fato de ocorrer relações desarmônicas entre indivíduos da mesma espécie como, por exemplo, entre os veados, leões, galos, sapos e pássaros. Na maioria das vezes, estas desavenças são resultantes da concorrência por alimentos, espaços, luz, parceiros. Mesmo que seja mais comum que ocorra competições entre espécies diferentes que não coexistem de forma harmônica, esta competição direta pelos recursos disponíveis pode acarretar na destruição de determinada espécie.

Acredito que podemos estar caminhando neste mesmo sentido...

Porém, ao olharmos o nosso redor e ver o próximo com fome é inaceitável nos alimentarmos em abundância e não repartirmos os alimentos. É inadmissível repousarmos no conforto debaixo de várias cobertas e não nos sensibilizarmos com um morador de rua que dorme no chão frio. Em nossa existência como indivíduos da mesma espécie inseridos na sociedade, as nossas estratégias de sobrevivências não precisam necessariamente da eliminação do outro.

Neste sentido, penso nas ideias do Humberto Romesín Maturana, biólogo chileno e Ph.D. em Biologia pela Universidade de Harvard, sobre a competição ser uma característica cultural da nossa humanidade e a cooperação ser biologicamente intrínseca dos seres vivos e um artifício para a preservação da vida.

Maturana desde a década de 60 investiga como se dá a construção biológica do conhecimento. Com as suas diversas obras, o biólogo é reconhecido em várias áreas como direito, sociologia, educação, psicologia, organização de empresas, dentre outras. Em sua obra 'Emoções e Linguagem na educação e na política' (1998) que é composta por duas conferências realizadas no Chile, o autor concebe a seguinte reflexão:

Mas que mundo queremos? Quero um mundo em que meus filhos cresçam como pessoas que se aceitam e se respeitam, aceitando e respeitando outros num espaço de convivência em que os outros os aceitam e respeitam a partir do aceitar-se e respeitar-se a si mesmos. Num espaço de convivência desse tipo, a negação do outro será sempre um erro detectável que se pode e se deseja corrigir. Como conseguir isso? É fácil: vivendo esse espaço de convivência. Vivamos nosso educar de modo que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se, ao ser aceita e respeitada em seu ser, porque assim aprenderá a aceitar e respeitar os outros (MATURANA, 1998, p. 30).

Humberto Maturana desenvolveu juntamente com Francisco Varela, também biólogo chileno, a teoria da biologia do conhecimento que proporcionou a obra 'A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana' (2001). Visto como um dos livros mais importantes do autor, apresenta uma reflexão sobre a condição humana a partir da biologia da cognição que busca compreender como os seres vivos conhecem o mundo. Pois, segundo os autores, a vida é um processo de conhecimento a partir das interações entre os seres vivos.

Minha intenção aqui não é apresentar profundamente a teoria dos chilenos que perpassa por um estudo biológico aprofundado. Acredito que a abordagem do pensamento de Humberto Maturana que versa sobre a cooperação e o amor entre os indivíduos é o que tentarei apresentar a vocês para que possamos fortalecer a ideia de uma educação para cooperação. Afinal, falamos tanto da necessidade de vivermos bem, mas não incentivamos o desenvolvimento da cooperação.

Como indica Maturana, a cooperação desencadeada pela convivência entre os indivíduos é o que constitui o social. Logo, as relações sociais são construídas a partir da cooperação. Uma vez que o sentimento de cooperar está na nossa constituição como ser humano bem como a solidariedade e o amor, estas são características

sociais e inerentes que precisam ser estimuladas nas nossas interações com outros indivíduos. Ou seja, estas qualidades estão biologicamente intrínsecas em nós, mas precisamos de incentivos para reconhecer e utilizar.

O biólogo chileno apresenta uma ideia inovadora a respeito das interações humanas nos aspectos da cooperação e competição. Diante dos pressupostos sugeridos pelos pesquisadores no geral de que a competição é característica dos seres vivos, Maturana nos desafia a compreender outra perspectiva ao afirmar que o ser humano é inerentemente cooperativo e não biologicamente competitivo. Basta compreendermos a frequência que realizamos e observamos a cooperação espontânea entre os humanos: nos comovemos com alguém que sofre próximo a nós e a acolhemos para auxiliar por meio da conversa, de uma doação de alimento, de um cobertor, por exemplo.

Por outro lado, é evidente que existem situações nas quais somos competitivos, mas há um contexto que nos submeta a isso: a cultura. Somos criados culturalmente para desenvolvermos a percepção ideológica moral de que por sermos animais, competimos entre nós também. Crescemos ouvindo expressões que nos submeta a isto. Logo, acreditamos ser normal competirmos por uma poltrona mais próxima a janela do ônibus, por uma vaga de carro no estacionamento, pela fila para comprar pão, etc. Pensamos em nosso melhor, lutamos por isso e acabamos, muitas vezes, deixando alguém para trás e acreditamos que isso é essa uma conduta natural dos seres humanos.

Os estudos biológicos aprofundados por Maturana nos apresentam que não é desta forma, a competição não é inerente à natureza humana. Então, acredito que, provavelmente, se fôssemos biologicamente competitivos, o mundo seria muito pior...

A partir da leitura das obras do autor, consigo perceber a possibilidade de uma ciência que aborda a cooperação que é constitutiva dos seres humanos. Só através da cooperação que se desenvolve a linguagem, a convivência e a aceitação mútua entre os indivíduos. Ou seja, a cooperação está na fundação do social, os sistemas sociais exigem a cooperação entre todas as relações.

Por outro lado, é preciso compreender que nem todas as relações humanas são sociais. As relações sociais exigem respeito mútuo, precisa que as interações ocorram sem o aspecto da competição. Logo, é de imensa importância perceber que a competição não funda o social e nem constitui o humano. Pelo contrário, segundo

Maturana, biologicamente não existe contradição entre o indivíduo e o social, apenas cooperação.

A partir da existência na humanidade, de origem cultural, as contradições, as competições se desenvolvem. Em suma, a competição é um fenômeno cultural dos humanos. Os demais animais, por exemplo, não possuem biologicamente e nem culturalmente a competição como fenômeno social. Sem a linguagem como meio de comunicação buscam por melhores condições de sobrevivência e, algumas vezes, precisam abandonar ou ultrapassar outro animal para conservar suas vidas. Porém, não possuem consciência do que estão realizando bem como os seres humanos quando se baseiam na competição para obter os títulos de vencedores, o que exige o fracasso de outra pessoa.

Constantemente, indicamos que a competição é desencadeada pelos interesses individuais dos humanos. Porém, não percebemos que toda individualidade acarreta no social uma vez que realizamos os nossos desejos a partir dos interesses em comum com os outros. Como sugerido por Maturana e Varela, há uma cegueira que consiste em “não percebermos que só temos o mundo que criamos com os outros, e que só o amor nos permite criar um mundo em comum com eles” (MATURANA e VARELA, 2001, p. 270).

Mas, como dito anteriormente, o que está biologicamente em nós é o compartilhamento, a colaboração, a cooperação. Somos inerentemente propícios à divisão dos alimentos, do compartilhar de ideias, de planos em comum. Segundo as ideias de Maturana, a linguagem surge nesta interação e é o mecanismo fundamental para a convivência entre os indivíduos nos sistemas sociais humanos. Para o autor, a linguagem não surgiria se a competição fosse biológica. Logo, a competição não pode ser constitutiva do humano.

Penso que talvez seja nisto que podemos nos aprofundar para buscarmos uma vida e um mundo melhor para nossa sociedade.

De certa forma há uma dualidade nos seres humanos marcada pelos aspectos individuais e sociais. Somos desenvolvidos a partir das nossas experiências individuais e pelos nossos interesses singulares. Por outro lado, as interações sociais geradas pelo contato com os indivíduos diferentes são essenciais para a convivência humana. A vantagem cooperativa se dá nesta situação. Mais que um valor, a cooperação é um modo de viver que pode auxiliar na construção do mundo melhor.

Cooperar é a ação de contribuir com o outro que está próximo, auxiliar e colaborar, atuar juntamente com alguém, desenvolver as relações pessoais a partir do respeito mútuo.

Mesmo que o indivíduo não concorde com o modo de viver, de agir e de pensar dos membros de determinado sistema social, há a possibilidade de viverem bem e de contribuírem uns com os outros mesmo que com pensamentos e posições no mundo contrárias. Desta forma, o sistema social humano tem a conservação como característica, Maturana afirma que os comportamentos e os desejos podem ser alterados, mas a aceitação mútua entre os indivíduos permanece.

A organização e a adaptação dos integrantes de um sistema social é o que garante a cooperação entre os membros. Isto não quer dizer que o indivíduo deve ficar permanentemente no mesmo sistema social. Com o passar do tempo, os interesses e os comportamentos podem ser alterados e o indivíduo se identificar com outro sistema social e isto não lhe levará a competir. Pois, os seres humanos podem ser membros de vários sistemas sociais. É o que ocorre, por exemplo, quando temos uma família materna e uma paterna, uma comunidade religiosa, um grupo de colegas de trabalho, identificação com determinado time de algum esporte, etc.

Os sistemas sociais humanos se fundam no amor. De acordo com Maturana, como seres humanos marcados pelo social, não existe competição que seja saudável para os seres vivos. A competição é a negação do outro, é ser antissocial. E em um sistema social, negar o outro é a negação de si mesmo uma vez que social e individual estão interligados. Vocês devem estar se perguntando, mas por quê competimos então?

Acredito que competimos porque a nossa cultura constrói este fenômeno como necessário ao indicar que precisamos lutar entre nós para alcançarmos os recursos que estão se tornando escassos, ao almejarmos um cargo concorrido que só tem uma vaga, ao desejarmos que alguém saia do nosso convívio por acreditar que a mesma não merece os mesmos direitos que nós. Infelizmente, aprendemos culturalmente a ser competitivos e egoístas, pois a nossa constituição humana indica que a cooperação é o fenômeno social fundante das relações entre nós, seres humanos, e entre nós e os demais seres vivos.

Não ser cooperativo é resultado da criação de condicionantes culturais que enfraquecem a colaboração e induzem os indivíduos a ser socialmente competitivos.

A predação social que nos leva a acreditar na necessidade de satisfazermos os nossos desejos individuais sem temer os riscos de guerra, abuso e controle com o outro gerado pela finitude dos recursos naturais, por exemplo. Os homens agem como se estes fossem infinitos.

Por outro lado, o compartilhamento é uma forma de cooperar. Sem dominação, submissão ou hierarquia, mas só a partir do respeito mútuo que se desenvolve a cooperação. Somos animais cooperadores e nos permitimos o compartilhamento. E, enfatizo que, de acordo com Maturana, a competição não deve ser constitutiva do humano.

Precisamos estimular os condicionantes que instiguem a prática da cooperação entre os seres humanos. Nada nos impede de sermos cooperativos. Podemos participar socialmente da cooperação se nos propormos a isto. Não através de leis, regras, mas como escolha de vida que acarrete em convívios pacíficos, respeito mútuo e resulte em um mundo melhor.

Penso que o ensino pode estimular este valor a partir da proposição de atividades que incentive vocês a serem cooperativos. Desde a realização de dinâmicas em sala de aula que propõem a interação entre os discentes até gincanas que arrecadem brinquedos para doar às crianças carentes e alimentos, cobertores e materiais de higiene para os moradores de rua, por exemplo. Há diversas ações que podem contribuir com o desenvolvimento da característica e atitude cooperativa. Em uma sociedade marcada pela competição, é possível ser e fazer diferente.

Neste sentido, penso no questionamento do Humberto Maturana que é comumente destacado por nós quando estamos no processo de aprendizagem: 'Para que serve a educação?'. O biólogo sugere que a educação deve se voltar para melhorar o país no qual os estudantes estão inseridos e preconiza que a educação marcada pela competição do mercado de trabalho precisa compreender a essencialidade em formar o ser humano para desenvolver o seu local. Aconselha que "guiemos nossas crianças na direção de um fazer (saber) que tenha relação com seu mundo cotidiano. Convidemos nossas crianças a olhar o que fazem e, sobretudo, não as levemos a competir" (MATURANA, 1998, p. 35).

E por falar em vocês participarem do desenvolvimento do nosso país, assumo que percebi, recentemente, que vocês estão se envolvendo nas questões da sociedade da nação brasileira. Ao menos, no mundo virtual, nas redes sociais:



*instagram, facebook e whatsapp*, principalmente, identifiquei as suas participações nas discussões de diversas questões sociais, políticas e culturais do nosso país. Suspeito então que vocês têm interesse nestes âmbitos. Esta inquietação pode ser utilizada de modo cooperativo se vocês compreenderem as possibilidades de realizar mesmo que pequenas ações para alterar o nosso local de vivência. É evidente, bem como sugerido por Maturana, que vocês podem mudar o país para melhor contribuindo com o desenvolvimento do mesmo a partir de todos os aprendizados que estão sendo construídos durante as suas vidas.

Para que não me entendam mal, não estou indicando que vocês têm o poder de salvar o nosso país. Seria ingenuidade da minha parte pensar que apenas vocês são o bastante para alterar as condições que nos desagradam no Brasil. Penso que a cooperação entre nós, professores e alunos, pode ser o arranque inicial desta proposição que depende de todos os cidadãos envolvidos na nação. Afinal, é evidente que precisamos de uma nova postura ética coletiva e compreender que o mundo que construímos é o mesmo que nos constrói.

Nesta dinâmica, segundo Maturana e Varela, os seres humanos são autônomos e autopoieticos. Criada pelos autores, 'autopoiese' é uma palavra composta pelos termos gregos "auto" que se refere à autonomia e "poiesis" à produção, criação. Desta forma, segundo os biólogos, os indivíduos agem por si só, constroem e modificam sua organização ao receberem estímulos do meio externo. Como estes estímulos ocorrem a todo momento, o ser humano está sempre respondendo, se renovando e mudando. Sendo assim, a relação ente o individual e o social, o humano e o coletivo, compõem um sistema dinâmico que é relacionado as interações dos indivíduos com o meio através da educação e da cultura, por exemplo.

A autopoiese é o ponto central para compreendermos a teoria do conhecimento proposta pelos autores uma vez que os biólogos sugerem que vivemos no mundo com outros seres vivos e construímos este mundo no decorrer do tempo. Logo, se o mundo não nos proporciona os aspectos para a nossa qualidade de vida, devemos perceber a nossa responsabilidade com esta realidade, pois estas circunstâncias dependem das formas como vivemos e nos comportamos.

Segundo Maturana e Varela, a organização social que define os seres vivos é essa organização autopoietica. Um ser vivo permanece vivo mesmo diante das inúmeras mudanças a partir das suas autopoieses. Ou seja, o se manter vivo dos

seres vivos é determinado pela sua autonomia em realizar estas alterações e não apenas pelos ambientes externos. As relações sociais entre os indivíduos podem auxiliar nesta organização de forma recíproca.

Percebo semelhança entre o conceito de autopoiese criado pelos autores Maturana e Varela e o princípio da auto-eco-organização ou autonomia/dependência da teoria do pensamento complexo de Edgar Morin como explicitado na obra 'A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento' (2017).

Este princípio da auto-eco-organização sugere que os sistemas vivos se transformam e se reorganizam de forma emancipada. Os seres humanos, segundo o filósofo francês, são autônomos, se auto organizam e estabelecem relações com os outros humanos. Nesta condição, o indivíduo constrói sua identidade e está sempre em processo de aprendizagem. Por outro lado, são dependentes da energia disponibilizada pelo ambiente externo, da cultura, do amor cedido pelo outro, do processo de ensino, etc. Ou seja, há múltiplas dependências existentes em nossa autonomia e, paradoxalmente, a autonomia é possibilitada a partir dessas dependências.

Para compreender este princípio, se faz necessário ter consciência de que o ser humano como indivíduo está inserido na sociedade e que faz parte de uma mesma espécie, como sugere Edgar Morin. Além disso, o meio ambiente está envolvido em toda a vivência humana. Logo, o humano tem suas características individuais que os organizam, mas o meio externo tem um papel essencial que auxilia nessa organização, sem o meio ambiente não seria possível que os indivíduos fossem autônomos em sua reprodução, pois as transformações extrapolam o ser humano, a dependência é tão importante quanto a sua autonomia.

Com a finalidade de percebermos melhor ainda como somos sujeitos auto-eco-organizadores, exemplificarei uma situação que nos envolve e para qual devemos estar alertas: como seres vivos, podemos agir autonomamente, andar, comer, criar, escrever, etc. Por outro lado, há diversas ações que realizamos e podem ser destrutivas para o meio ambiente. Logo, afetamos o meio ambiente e ao mesmo tempo somos afetados por ele também. Se quisermos continuar vivos precisamos compreender esta relação de dependência com os outros seres vivos e com o meio externo.

Essa interdependência entre nós e o mundo existe uma vez que somos sujeitos imersos na sociedade e podemos nos compreender como participantes da construção do nosso mundo, há uma auto-eco-organização existente em nossa condição como humano. Somos participantes da organização de sociedade e há uma relação recíproca nisto. As realizações de cada indivíduo acarretam em alterações que podem atingir todos os outros seres humanos. Somos indissociáveis do mundo. Desta forma, precisamos perceber a vida como uma teia que engloba a nossa convivência, interfere na natureza e no destino da nossa espécie. Em suma, é um ciclo no qual interagimos no ambiente que é o nosso habitat e colhemos o que plantamos no mesmo.

Em suma, o princípio da auto-eco-organização está presente em todos os sistemas vivos que, ao se organizarem, influenciam e são influenciados pelo meio ambiente que inclui a si mesmo, o outro e a natureza. Logo, com esta autonomia/dependência apresentamos valores, escolhas e percepções do mundo.

Podemos identificar que Morin apresenta ideias que se assemelham com as do Maturana como, por exemplo, quando o biólogo aborda a discussão da interação e interdependência existente entre as nossas ações como humanos e o meio no qual estamos inseridos, como podemos perceber no trecho: “*somos como somos em congruência com nosso meio e que nosso meio é como é em congruência conosco*, e quando esta congruência se perde, não somos mais” (MATURANA, 1998, p. 63).

A noção de autopoiese dos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela e o princípio de auto-eco-organização do filósofo Edgar Morin sugerem que nós somos interdependentes do meio no qual convivemos. Então, podemos refletir a indispensabilidade de cooperarmos entre nós, indivíduos da mesma sociedade e a imensa necessidade da cooperação com o ambiente que nos abriga.

Uma vez que o convívio pacífico e sadio contribui para a sociedade, a cooperação é um vetor que pode ser aproximado da área do ensino. Compreendo que como educadora tenho o compromisso essencial de contribuir com vocês no percurso da construção dos conhecimentos e autoformação para que percebam a necessidade de se relacionar com as situações do futuro. Para isso, precisamos incentivar a relação de vocês com o mundo.

Se realizarmos práticas cooperativas haverá alterações dos nossos modos de conviver. Esta cooperação precisa que nós sejamos respeitosos uns com os outros, que saibamos ouvir os interesses e objetivos de cada um para que possamos

pensar em construir um país melhor e um futuro de bem comum para todos. Diante disto, talvez a educação possibilite que vocês se sintam incentivados a isto, pois como indica Maturana:

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem. A *educação* como 'sistema educacional' configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação. Os educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveram ao ser educados no educar (MATURANA, 1998, p. 29).

Nessas circunstâncias da educação para a intervenção humana, penso nas ideias de Edgar Morin que sugerem a necessidade de desenvolvermos, simultaneamente, as consciências de que temos uma identidade humana comum, que somos uma comunidade de origem terrestre e uma comunidade de destino.

O filósofo sugere que nós, indivíduos da mesma espécie, somos diferentes em diversos aspectos desde os nossos genes até nas escolhas que realizamos na vida. Porém, temos uma identidade genética da espécie *Homo sapiens* que nos aproxima e nos distingue das outras espécies, como por exemplo, nossa estrutura cerebral e os aspectos cultural, histórico e social da nossa comunidade. Com relação a isso, podemos compreender que pertencemos a uma mesma comunidade terrestre, somos filhos da Terra, nossas características de mamíferos, vertebrados, são originais da nossa vida. Vivemos no mesmo espaço e as alterações que ocorrem na Terra nos atingem de forma semelhante. Sendo assim, precisamos nos atentar diante das ameaças que nos rodeiam devido as ações humanas, desde as ameaças nucleares à destruição da biosfera.

Estas características desenvolvem uma consciência da coletividade do nosso destino na Terra e que temos os mesmos problemas vitais e mortais. Talvez esta consciência de um local comum entre nós seja o caminho para nos tornarmos indivíduos mais solidários, responsáveis e cooperativos ao compreendermos que “a nação é uma *sociedade*, em suas relações e interesses, competições, rivalidades, ambições, conflitos sociais e políticos. Mas é, igualmente, uma *comunidade* de identidade, uma comunidade de atitudes e uma comunidade de reações” (MORIN, 2017, p. 66).

Diante desta discussão, penso na obra 'Terra-Pátria' (1995) que Edgar Morin, com a colaboração da socióloga Anne Brigitte Kern, elaborou para nos alertar da necessidade de preservação do nosso mundo, nossa Terra-Pátria. Neste livro, há o contexto da evolução histórica do *homo sapiens* e o pertencimento humano que envolve a natureza biológica, física, cósmica e o âmbito cultural, ou seja, a multiplicidade dos aspectos na unidade da vida humana.

A noção da Terra-Pátria nos indica que o nosso planeta não está segregado entre a humanidade e a biosfera. Pelo contrário, a Terra apresenta os aspectos físicos, biológicos e antropológicos integrados em si que possibilitam a existência da vida. Esta noção está interligada a teoria do pensamento complexo preconizada por Morin que sugere a religação dos saberes para que possamos compreender o universo a partir da contextualização de cada acontecimento em nosso planeta uma vez que tudo está interligado. O filósofo indica, de forma esperançosa, que:

Não é a Terra prometida, não é o paraíso terrestre. É nossa pátria, o lugar de nossa comunidade de destino de vida e morte terrestres. Devemos cultivar nosso jardim terrestre, o que quer dizer civilizar a Terra. O evangelho dos homens perdidos e da Terra-Pátria nos diz: sejamos irmãos, não porque seremos salvos, mas porque estamos perdidos. Sejamos irmãos, para viver autenticamente nossa comunidade de destino de vida e morte terrestres. Sejamos irmãos, porque somos solidários uns dos outros na aventura desconhecida (MORIN, 1995, p. 174-175).

Conhecer a história do que é e de onde vem este planeta pode ser um caminho para o pertencimento terreno que proporciona maior aproximação com a ideia de preservação e conservação da biosfera para evitar crises ecológicas que geram diversas degradações que nos afetam diretamente e compreender os riscos e as incertezas do nosso destino. Pois, é evidente que o nosso planeta ainda não é esta Terra-Pátria sugerida pelo filósofo.

Diante disso, me preocupo com as suas compreensões sobre as questões planetárias, das ações humanas destruidoras da mesma e das possíveis realizações para preservação e cuidado do nosso habitat a partir da ciência da cooperação.

Professores, assim como eu, possuem a responsabilidade de apresentar a concepção de Terra para vocês. Por outro lado, ensinar a definição da Terra como: 'um planeta pequeno, sólido, que gira em torno do Sol, que é coberto por mares e oceanos e que em sua parte externa existem gases formando a atmosfera', é insuficiente visto que esta explicação do que é o nosso planeta não abrange a

importância da nossa consciência terrestre. Penso nas palavras de Morin ao se inquietar com a falta desta consciência:

É por isso que não sabemos ainda nos situar dentro dele, ligar nossas interrogações sobre este mundo e as interrogações sobre nós mesmos. Ainda não somos instigados a refletir sobre nosso destino físico e terrestre. Ainda não tiramos as consequências da situação marginal, periférica de nosso planeta perdido e de nossa situação nesse planeta (MORIN, 1995, p. 48).

A importante percepção do nosso planeta como o berço das nossas vidas, como indicado por Morin, não é abordado quando aprendemos apenas a definição do planeta presente nos livros didáticos ou ao pincelarmos com tinta azul uma bola de isopor que representaria o nosso planeta. Podemos compreender o mundo no qual estamos imersos a partir da abrangência de outras possibilidades de ensino desta concepção. Por exemplo, atividades que demandam que vocês observem as estrelas e os planetas, mesmo que sejam a partir de vídeos da *Internet* caso não haja o recurso do telescópio bem como os vídeos que apresentam a importância da ação da gravidade da Terra que nos mantem firmes em solo, as observações sobre as mudanças climáticas e da intensidade da lua nos nossos dias, dentre outras atividades que podem ser realizadas para que incentive vocês a serem curiosos com a quantidade de características impressionantes que estão presentes em nosso planeta.

Segundo Morin é necessário então reaprender a aprender, ou seja, precisamos compreender que para aprender não basta apenas a memorização das definições, o conhecimento precisa ser contextualizado com a realidade dos sujeitos. Logo, o aprendizado vai muito além disso. Esta realidade ocorre porque “nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar, e não a ligar os conhecimentos, e portanto nos faz conceber nossa humanidade de forma insular, fora do cosmos que nos cerca e da matéria física que somos constituídos” (MORIN, 1995, p. 48).

Afinal de contas, é imprescindível que vocês percebam a diversidade existente no mundo ao compreender que convivemos com bilhões de pessoas que apresentam características únicas, ou seja, individualidades que estão inseridas na unidade terrena. Talvez assim, perceber a nossa Terra-Pátria, como indica Morin, como um grande lar que abrange os diferentes aspectos do cultural, social, histórico, étnico, biológico etc.

Aprender a simples definição do que é a Terra é importante, mas empobrece a complexidade que engloba o planeta. Percebermos que somos autônomos/dependentes do mundo no qual vivemos e que devemos agir em

cooperação para nos preservarmos é muito mais enriquecedor para compreendermos a nossa interdependência com o meio que estamos imersos e para valorizarmos a nossa vida em comum. Estas abrangências favorecem a nossa convivência baseada na cooperação com os indivíduos que nos cercam.

Em uma análise sobre a importância destes pensamentos de Morin para o século XXI, Edgar de Assis Carvalho, cientista social e docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), escreveu o texto 'Da perdição à esperança: *Terra-pátria* 14 anos depois' para nos alertar que perante as inúmeras demonstrações de competição, destruição, intolerâncias e concorrências, devemos refletir se esta noção de Terra-pátria é realmente realizável ou apenas utópico.

Carvalho sugere que para que possamos transformar em realidade o que hoje é uma utopia de um mundo novo, precisamos compreender a importância de recuperarmos a nossa natureza em níveis local e global. O sociólogo enfatiza a importância da solidariedade para a construção de uma sociedade-mundo que compreende a Terra como mãe, como pátria, como um local de bem comum para todos ao contrário das características que encontramos atualmente, marcada por degradações, dominações, relações de poder para resultar em crescimento econômico.

O autor indica três princípios que precisam ser desenvolvidos em nós para que possamos construir a nossa Terra-pátria e estimular o patrimônio biocultural, são eles: sustentabilidade, responsabilidade e esperança. Para vivermos estas ideias, é necessário que sejamos alfabetizados ecologicamente, tanto adultos quanto as crianças. Segundo o autor, "ser alfabetizado ecologicamente implica preservar nosso lar-terra de qualquer tipo de agressão, venha de onde vier. Todos os componentes desse lar, como se fossem os de nossa própria casa, encontram-se inter-relacionados, cada parte se junta com a outra" (CARVALHO, 2007, p. 26).

Esta educação ecológica é necessária para que vocês sejam alertados da amplitude de perigos que estamos vivendo e que no futuro pode ser muito mais aprofundado. Diante disso, é urgente que vocês tenham consciência da noção de Terra-Pátria e que sintam a essencialidade em percebermos a importância dos outros em nossas vidas. Isto exige responsabilidade de vocês. Ao escolherem determinado modo de viver e agir, ao realizarem escolhas, utilizam da liberdade, porém esta liberdade está interligada à responsabilidade que vocês precisam ter com a nossa

nação. Por fim, o autor sugere o princípio da esperança como primordial para alteramos a realidade de degradação e competição. A esperança surge quando nos deixamos encantar pelo mundo imaginário, pelos mitos, pelas poesias, etc. Carvalho afirma que a esperança exige a solidariedade entre os seres humanos.

Se podemos acreditar, com certo grau de certeza, que o início da vida ocorreu há três bilhões de anos, a continuidade que hoje presenciamos foi, certamente, produto de uma ampla cooperação entre espécies naturais e humanas. Por isso, uma imagem da competição sangrenta pela sobrevivência deve ser substituída pela parceria pacífica em prol da continuidade, da preservação, da construção de valores éticos e universais (CARVALHO, 2007, p. 26).

Diante disso, podemos desenvolver a consciência de que a Terra-Pátria pode ser o caminho para reduzirmos a degradação social em conjunto e para cooperarmos entre nós. Esta noção é fundamental para a nossa consciência e o sentimento de pertencentes a Terra.

A partir destes pensamentos devemos nos alertar de que não somos superiores e nem temos o poder de alterar as circunstâncias envolvidas no mundo de forma individual. Para que possamos modificar a realidade destruidora da biosfera e que pode acarretar em nós, precisamos nos afastar da concepção de que somos suficientes para desencadear melhorias no mundo e compreendermos que há um sistema social formado por todos os indivíduos que precisa ser fortalecido para que possamos cooperar entre nós em busca de alcançarmos os nossos objetivos de melhorias do nosso planeta. Maturana nos alerta de que “quando se abandona a noção de controle e se aceita a noção de cooperação ou convivência, aparece o sistema. A gente se dá conta dele” (MATURANA, 1998, p. 86).

Este contexto de luta em conjunto por um mundo melhor me faz lembrar um educador chamado Paulo Freire, patrono da educação do nosso país. Na obra ‘Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo’ (1978), o autor narra uma experiência que viveu no país Guiné-Bissau, na África. Esta vivência do autor é um exemplo que retrata o despertar da cooperação entre as pessoas para o desenvolvimento de um mundo melhor.

Paulo Freire foi convidado por Mário Cabral, Comissário da Educação de Guiné-Bissau, na África, para realizar uma intervenção juntamente com sua equipe alfabetizadora composta por Mônica, Edna, Paulo, Alvarenga e José. Os índices apontavam em cerca de 90% da população como analfabetos. Aquele povo, na



década de 70, estava em processo de descolonização portuguesa e, conseqüentemente, de reconstrução do seu país com a liderança de Amílcar Cabral, um pensador revolucionário, por quem Freire tinha grande admiração.

Inquietado com a situação, Freire aceitou o convite juntamente com seus companheiros de trabalho para realizarem as atividades voltadas à alfabetização de adultos, na tentativa de modificar o contexto no qual o país se encontrava. Por outro lado, o educador deixou explícito que as suas contribuições seriam complementares e não superiores. Em uma das cartas que enviou ao Mário Cabral indicou que “nada teremos a ensinar aí se não formos capazes de aprender *de e com* vocês. Por isso mesmo é que iremos à Guiné-Bissau como camaradas, como militantes, curiosa e humildemente, e não como uma missão de técnicos estrangeiros (FREIRE, 1978, p. 93).

A proposta de ajudar aquele povo inquietou Paulo Freire. Simultaneamente, o deixou esperançoso por ter a possibilidade de conhecer aquela população tão rica em saberes. Ao assumir ser mais africano do que ele imaginava, indica que quando chegou ao continente, se sentiu completamente em casa. De forma modesta, o educador sugere a relevância do falar menos e escutar mais; da essência do professor como um animador que percebe e reconhece os desacertos, do professor como educador, político e artista; a importância da recursividade existente entre ensinar e aprender. Agradece então a oportunidade de “aprendendo tanto, ensinar também e, assim, participar [...] do esforço de reconstrução do país” (FREIRE, 1978, p. 68).

O educador compreendia que a cooperação dos brasileiros no país estrangeiro demandava da participação dos envolvidos no processo educacional. Ao narrar a experiência que vivenciou na Guiné-Bissau destaca que precisou da ajuda dos seus alunos. O autor propôs aulas através de seminários para que a dinâmica envolvesse os aprendizados dos nativos. Criticou o ensino a partir da memorização enfadonha e em várias passagens das suas cartas, sugeriu a importância do diálogo.

Para Freire, o objetivo da educação deve estar relacionado às demandas do seu povo. Neste sentido, enfatiza que os educadores deveriam conhecer a população do local, os modos de aprendizagem e os conhecimentos que possuíam anteriormente ao início do processo de alfabetização daqueles adultos. Ou seja, era necessário que os educadores escutassem os interesses dos estudantes para selecionar temáticas que proporcionassem conhecimentos contextualizados com a realidade daquele povo.

Com isso, o autor indica a importância de os alunos agirem coletivamente na reconstrução do país por estes apresentarem conhecimentos que o levaram a transbordar de ideias. Desta forma, a coletividade é enfatizada ao preconizar que o trabalho de produção realizado pelo povo era para o bem-estar coletivo da população, que estes trabalhos eram colaborativos na nação. Paulo Freire sugere que a cooperação teve um imenso valor no processo que foi desenvolvido na Guiné-Bissau.

A partir do conhecimento da situação dos analfabetos da Guiné-Bissau e do trabalho educativo pós-colonial realizado por Freire, podemos refletir sobre a importância das nossas ações como indivíduos imersos na sociedade que são imprescindíveis para que possamos realizar alterações da condição do nosso país. Vocês precisam compreender esta realidade, os riscos consequentes as nossas ações e a nossa interdependência com o meio no qual convivemos. Penso que a educação é o caminho para se aprender isto.

A necessidade de o ensino ser voltado para o estímulo do reconhecimento e aceitação dos riscos que nos englobam foi discutida por Paulo Freire, o professor que foi à Guiné-Bissau, em sua obra inacabada 'Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos' (2016). O educador escreveu este livro com o espírito revoltado. Quando faleceu, em 1997, a obra estava incompleta. Sua esposa, Ana Maria Araújo Freire, organizou as cartas manuscritas deixadas pelo autor e as uniu com outros escritos e publicou três anos após a sua morte.

As últimas palavras escritas pelo educador explicitam a importância da cooperação e do amor na vida das pessoas: "desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros" (FREIRE, 2016, p. 77).

Durante a leitura das cartas, se torna explícito que a sugestão do autor é que sejamos abertos às mudanças, ao diferente, ao estranho. Por outro lado, não sejamos submissos a tais circunstâncias. Precisamos agir diante destas, visto que, mudança não significa desenvolvimento, há mudanças que são retrocessos. Precisamos então, discernir as modificações que são para o bem do povo e as aceitar e, mais importante ainda, perceber as que não são em prol da população e as recusar. Precisamos sonhar e agir diante da nossa realidade e não podemos nos calar, nem nos confortar.

Segundo Paulo Freire, temos o direito e dever de modificar o mundo a partir das nossas ações do presente que podem desencadear em circunstâncias melhores para os dias posteriores. Carecemos desta concepção de protagonistas das mudanças sociais para que possamos refletir, decidir e agir diante das insatisfações sociais. Diante disso, precisamos que vocês se percebam como construtores do mundo. Enfatizo a frase do educar dizendo que: Vocês, estudantes, também têm esse direito e dever de mudar o nosso mundo!

Precisamos, conforme Maturana, como indivíduos autopoieticos imersos na sociedade, refletir que temos liberdade e autoridade para realizarmos mudanças no nosso mundo. Afinal, ser um indivíduo político é pensar no bem comum da população.

Posso afirmar então que as nossas ações, decisões e escolhas são primordiais para a realização dos nossos objetivos. Não basta só o professor pensar determinada ação e realizar em sua sala de aula, o nosso projeto deve ser em conjunto com vocês para lutarmos em prol das nossas demandas. Lutar é movimentar-se. Com esta discussão do agir em conjunto, penso nas palavras do Humberto Maturana quando afirma que:

Eu chamo de *conspiração ontológica* à liberdade de ação que se conquista ao compartilhar um desejo que serve de referência para guiar o agir dos conspiradores na convivência. Cada vez que entramos num *acordo* para fazer algo juntos, de modo a não precisarmos nos controlar mutuamente, porque com aceitação e respeito pelo outro agimos com sinceridade, estamos numa *conspiração ontológica*. Quer dizer, estamos na construção de um mundo comum a partir do desejo da convivência [...]. A *conspiração ontológica* nos confere liberdade porque se funda na confiança e no respeito mútuos (MATURANA, 1998, p. 78).

Acredito que Maturana nos apresenta este outro olhar sobre os seres vivos e nos desafia a compreender a perspectiva de que somos sujeitos biologicamente cooperativos e que podemos então realizar trocas contínuas entre nós a partir das aproximações e interações possíveis de serem realizadas e enriquecer os nossos conhecimentos e o processo de autoformação no mundo. Este pensamento me remete à noção de mestiçagem sugerida pelo filósofo francês chamado Michel Serres que indica que durante a nossa vida podemos agregar inúmeras possibilidades de aproximações com o diferente, entre as pessoas e os saberes, por exemplo.

Serres escreveu uma obra intitulada 'Filosofia Mestiça' (1993) para nos inquietar com relação à possibilidade de mestiçagem. Para o autor, os encontros que ocorrem durante o nosso percurso na Terra podem ser enriquecedores para nós. Se

aproximar do diferente e perceber os aspectos dele que lhe acrescentam algo é bastante interessante. A imitação é permitida neste processo de aprendizagem. Afinal, como indica Serres somos ‘papagaios’ que precisamos imitar os nossos mestres para aprender. Ou seja, vocês podem imitar todos aqueles que são referências para vocês. Se vocês querem aprender, não hesitem em realizar a ação de outra pessoa. A imitação é a reação de aceitar o diferente do outro, é a consequência do respeito mútuo entre os indivíduos.

Desde o momento que nascemos imitamos alguém involuntariamente. Não devemos pensar nisso como dependência ou qualquer outra ideia de recusa. Pelo contrário, perceber a importância da ação de imitar nas nossas vidas é essencial para cooperarmos uns com os outros. A imitação auxilia na sobrevivência da nossa espécie. As ações que realizamos a partir das imitações podem perpetuar por um longo período de tempo em nossa sociedade como, concordando com esta perspectiva, Humberto Maturana vai dizer que “a imitação permite que um certo modo de interação vá além da ontogenia de um indivíduo e se mantenha mais ou menos invariante através de gerações sucessivas” (MATURANA e VARELA, 2001, p. 217).

Maturana e Varela relatam em sua obra sobre exemplos de animais que sobrevivem a partir da imitação dos outros. Relatam um caso de que um grupo de macacos, em um arquipélago no Japão, foi selecionado para que pesquisadores analisassem a convivência entre eles a partir de estimulações como, por exemplo, a entrega de alimentos para analisarem qual seria a reação dos macacos. Certa vez, os pesquisadores deixaram disponíveis batatas na areia e observaram que uma das macacas do grupo recolheu uma das batatas e utilizou da água do mar para retirar a areia presente na mesma anteriormente a ingestão do alimento. Com o passar do tempo, os outros macacos observaram a ação realizada por ela e passaram a imitar esta macaca que higienizou a batata. Ou seja, começaram a agir de forma semelhante para se alimentarem dos alimentos.

Bem como o caso citado pelos biólogos chilenos, posso afirmar a vocês que é a partir destas imitações que nós, seres humanos, podemos desencadear as mestiçagens. Afinal, se eu possuo determinada característica, você pode admirar, imitar e começar a utilizar da mesma no seu cotidiano. Anteriormente, este aspecto não fazia parte da sua vida. Porém, com a nossa interação, você permitiu se

contaminar. Não é a junção das minhas características com as suas, mas a aproximação entre elas que proporciona pluralidades.

Estas mudanças que ocorrem a partir das afinidades com o diverso não são constantes e nem triviais. Não é todo encontro com o diverso que possibilita a mestiçagem, é preciso se permitir, é necessário sentir interesse pelo diferente, é preciso imitar. De acordo com as ideias sobre mestiçagem desenvolvidas por Michel Serres, o indivíduo que se encontra com o desconhecido pode se tornar ou não um terceiro mestiço. Ou seja, ele já não é mais o que era anteriormente ao encontro, mas também não se altera para ser igual ao desconhecido. O mestiço é aquele que não é mais nenhum dos dois anteriores, mas que contém estes dois. Outras interações podem ocorrer e o mestiço se modificar novamente. Afinal, a inconstância, o inacabamento e o transitório são características da mestiçagem.

Penso então que a mestiçagem sugerida por Serres é uma das possibilidades de cooperarmos entre nós. Uma vez que o ser humano tem a cooperação em sua constituição, as operações fundamentais como amar, cuidar, conversar e educar, por exemplo, ocorrem de forma espontânea. E é a partir destas características que pode ser envolvido o compartilhamento de saberes, a abrangência do diferente, ou seja, é permitido à mestiçagem.

A partir da ideia da noção de mestiçagem podemos compreender a importância do ensino baseado na cooperação, solidariedade e respeito às diferenças. Afinal, educar é conviver em um espaço de aceitação recíproca para que haja respeito consigo mesmo e com os outros. Acredito que a educação para cooperação e mestiçagem pode ser enriquecedor para a área do ensino. Este é um novo caminho a ser percorrido...

Posso indicar a vocês que os pensamentos dos teóricos citados nesta carta, me inspiram e me estimulam a refletir sobre a minha prática como professora, a minha existência como ser humana e as necessárias alterações de atitudes que preciso realizar para tentar ser uma pessoa melhor e mais participante das ações que envolvem aproximações do que está distante de mim, do conhecimento do diferente. Espero que vocês também se sintam assim a partir da leitura das minhas reflexões sobre o pouco que ainda sei diante da imensa construção do conhecimento que posso realizar a partir dos meus estudos.

Por enquanto, me desafio a caminhar como uma professora que sonha com a ideia de que posso auxiliar vocês a se sentirem pertencentes e participantes do mundo que estamos construindo. Acredito que para isso é necessário envolver as suas subjetividades e enriquecer as suas construções dos conhecimentos.

Não podemos deixar de pensar que as interações realizadas por vocês com os outros que os cercam são essenciais para os desenvolvimentos da mestiçagem dos seus saberes e da cooperação no ambiente escolar e nas suas vidas.

A cooperação pode ser estimulada por nós, professores inquietados com a situação na qual se encontra a nossa realidade. Pensar no desenvolvimento de uma educação aproximada da ciência da cooperação pode ser o caminho para um mundo melhor. Precisamos despertar em nós a necessidade de respeito, convivência e ética em todos os ambientes que frequentamos. Em suma, compreender a importância da cooperação em nossas vidas é essencial para que possamos colaborar uns com os outros e com o meio ambiente, com as nossas cidades, estados, países, mundo, com a nossa Terra-Pátria como sugerido por Edgar Morin.

Talvez assim possamos proporcionar o desenvolvimento de um ensino cooperativo que abranja as dimensões sensitiva, emocional e pertinente das formas de conhecimento na Educação Básica.

Diante disso, precisamos abandonar os sentidos de controle, dominação e competição que estão impregnados em nossa realidade, percebermos que há um grande sistema social que nos permite interagir, compartilhar, misturar e enriquecer os nossos saberes e experiências de vida. Como indicado por Humberto Maturana, as nossas relações sociais precisam ser baseadas na aceitação do outro, das individualidades e aptidões. Compreender a riqueza que o diferente nos proporciona é um caminho que podemos trilhar na noção da cooperação.

Precisamos conviver com os outros e respeitá-los de forma cooperativa. Isto me leva a pensar a reflexão tão enfatizada pelos biólogos Maturana e Varela:

Se sabemos que nosso mundo é sempre o que construímos com os outros, cada vez que nos encontrarmos em contradição ou oposição com outro ser humano **com o qual desejamos conviver**, nossa atitude não poderá ser reafirmar o que vemos do nosso próprio ponto de vista. Ela consistirá em apreciar que nosso ponto de vista é [...] **tão válido quanto o de nosso oponente, mesmo que o dele nos pareça menos desejável**. Caberá, pois, a busca de uma perspectiva mais abrangente [...] em que o outro também tenha lugar e no qual possamos construir um mundo juntamente com ele (MATURANA e VARELA, 2001, p. 267-268).

Penso que somos capazes de desenvolver a cooperação existente biologicamente em nós como indica Humberto Maturana a partir das ideias de mestiçagem do Michel Serres e da teoria do pensamento complexo de Edgar Morin. Assim, consigo elencar algumas perspectivas sociais que enriquecem estas ideias: solidariedade, amor, compreensão, alteridade, afeto, admiração, complacência, gentileza, gratidão e altruísmo.

Para que a educação seja baseada nestas perspectivas, precisamos compreender a necessidade de cooperarmos entre nós e permitirmos as nossas interações. Afinal, a relação de competição desejada e desenvolvida culturalmente pelos seres humanos não permite a mestiçagem entre as pessoas como sugerida pelo Michel Serres.

Acreditem, preciso da colaboração de vocês, pois o aspecto coletivo é essencial para este desenvolvimento. Espero que as minhas ideias os contaminem, que vocês se relacionem cada vez mais com as incertezas do nosso mundo, que tenham otimismo e esperança para ir em busca de mudanças e que se permitam mestiçar.

Os convido então: Vamos viver a cooperação?

Espero por suas cartas-resposta,  
Abraços fraternos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Uma astronomia das constelações culturais. In: **Ciências da Complexidade e Educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. 2 ed. rev., ampl. Curitiba: Appris, 2017, p. 107- 131.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Por uma ciência que sonha. In: GALENO, Alex; CASTRO, Gustavo de; SILVA, Josimey Costa da (Orgs). **Complexidade à Flor da Pele: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 23-36.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CARVALHO, Edgar de Assis. Da perdição à esperança: *Terra-pátria* 14 anos depois. In: **Revista ponto-e-vírgula**. 2007, p. 23-39.

COMTE-SPONVILLE, André. A gratidão. In: **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 70-73.

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção psicologia e pedagogia).

DE MEIS, Leopoldo. Chocolatologia. In: **Ciência, Educação e o Conflito Humano-Tecnológico**. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Senac, 2002, p.13-16.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 4ª Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Org. Ana Maria de Araújo Freire. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KEHLMANN, Daniel. **A medida do mundo**. Tradução de Sonali Bertuol. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MATURA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. Ilustração de Carolina Vial, Eduardo Osorio, Francisco Olivares e Marcelo Maturana Montañez. 6. ed. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.



MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 23 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

MORIN, Edgar. **Meu caminho**: entrevistas com Djénane Kareh Tager. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, Edgar. **Meus filósofos**. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MORIN, Edgar. **Terra-Pátria**. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1995.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Richard Zenith (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SERRES, Michel. **Filosofia Mestiça**. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

STEINER, George. **Lições dos mestres**. Tradução de Maria Alice Máximo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.